

Palavra e Vida

Revista especial para o adulto cristão

Ano X • Nº 46 • 2T12

(Distribuição pelas Convenções Estaduais)

EBD

Ó Evangelho de João A teologia de Jesus Cristo



União de adultos

Como ensinar a Bíblia

Ressurreição: Celebração da vitória de Cristo

Casamento: Uma construção permanente



O evangelho de Cristo segundo João

Estudaremos, neste trimestre, o Evangelho de João, também chamado de Quarto Evangelho, em virtude da posição que ocupa no Novo Testamento.

O Evangelho de João contém uma forte chamada ao arrependimento e à fé em Jesus Cristo. É um Evangelho abrangente na mensagem que apresenta e, mais que necessário, é imperativo que as pessoas conheçam a amplitude dos ensinamentos de Jesus apresentados por João e passem a adotar um estilo de vida em harmonia com ele.

O Evangelho de João traz ensinamentos dirigidos a todos os povos, em todos os tempos da história. Logo, traz mensagens para nós, hoje. Discernir a vontade de Deus no transcurso dos acontecimentos cotidianos não é fácil; afinal, não existe uma receita para tal exercício. Esta tarefa é resultado de intimidade com Deus, de estudo perseverante e aprofundado da Bíblia e da sabedoria pessoal. O estudo do Evangelho de João nos ajuda a entender a vontade de Deus para nossa vida e nossa relação com o próximo.

Em relação às uniões de adultos, os assuntos para estudo, em sua diversidade, também abordam realidades que visam ao crescimento e edificação dos adultos. Den-

tre eles, destacamos a ressurreição de Cristo, a família, a missão da igreja no mundo e a volta de Cristo.

Lembramos a todos que, neste trimestre, a denominação batista comemora o Dia da Escola Bíblica Dominical, no quarto domingo de abril.

Que Deus abençoe a todos, no estudo da Palavra de Deus, neste trimestre.

Pr. Clemir Fernandes Silva

Redator da revista Compromisso

Quem escreveu: os estudos para EBD são de três autores:

- 1) Estudos 1 a 4 e 9: Valtair Miranda, pastor da Igreja Batista em Neves, São Gonçalo, RJ;
- 2) Estudos 5 a 8: Davi Freitas de Carvalho, pastor batista, RJ;
- 3) Estudos 10 a 13: Solange Cardoso A. d'Almeida, Coordenadora Editorial da JUERP. Quanto aos estudos da DCC, cada um deles leva o nome de seu autor.

Os estudos são condensações e adaptações de estudos anteriores, publicados na revista "Compromisso".

Sumário

Introdução	1
Sumário e expediente	2
Leituras diárias.....	3
Apresentação dos estudos da EBD	4
Estudos 1 a 13 da EBD	6
Informação denominacional.....	32
Divisão de Crescimento Cristão.....	35
Estudos 1 a 13 da DCC	36

Expediente

Palavra e Vida

ISSN 1984-8714

Ano X – Nº 46 – 2T/2012

Esta é uma revista especial da JUERP, editada em convênio com as Convenções Estaduais, voltada para o ensino da EBD e da DCC para adultos e jovens, nas igrejas de menor número de membros arrolados

Publicação trimestral da JUERP

Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira
CGC(MF): 33.531.732/0001-67
CX Postal 320 – 20001-970 – Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 2298-0960 e 2298-0966
Telegráfico – BATISTAS
Eletrônico – editora@juerp.org.br
Site – www.juerp.org.br

Direção Geral

Almir dos Santos Gonçalves Júnior

Conselho Editorial

Carrie Lemos Gonçalves, Celso Aloísio Santos Barbosa, Ebenézer Soares Ferreira, Gilton M.Vieira, Ivone Boechat de Oliveira, João Reinaldo Purim, José A. S. Bittencourt, Lael d’Almeida, Margarida Lemos Gonçalves, Pedro Moura, Roberto Alves de Souza e Silvano Carlos Figueira Netto

Coordenação Editorial

Solange Cardoso de Abreu d’Almeida (RP/16897)

Redação

Coordenação Editorial da JUERP

Conselho Geral da CBB

Sócrates Oliveira de Souza

Produção Editorial

Studio Anunciar

Produção Gráfica

Willy Assis Produção Gráfica

Distribuição

EBD-1 Marketing e Consultoria Ltda.
Tels. (21) 2104-0044
Fax: 0800 216768
Caixa Postal: 28506 – CEP: 21832-970
Outras localidades, ligue grátis: 0800 216768
E-mail: distribuidora@ebd-1.com.br
pedidos@ebd-1.com.br



Nossa missão: “Viabilizar a cooperação entre as igrejas batistas no cumprimento de sua missão como comunidade local”

Leituras diárias - 2º trimestre de 2012

MARÇO

26	Segunda	João 1.1-7
27	Terça	João 1.8-14
28	Quarta	João 1.15-18
29	Quinta	João 1.19-27
30	Sexta	João 1.28-34
31	Sábado	João 1.35-42

ABRIL

1	Domingo	João 1.43-51
2	Segunda	João 2.1-4
3	Terça	João 2.5-8
4	Quarta	João 2.9-12
5	Quinta	João 2.13-15
6	Sexta	João 2.16-19
7	Sábado	João 2.20-22
8	Domingo	João 2.23-25
9	Segunda	João 3.1-5
10	Terça	João 3.6 - 10
11	Quarta	João 3.11-15
12	Quinta	João 3.16-21
13	Sexta	João 3.22-26
14	Sábado	João 3.27-30
15	Domingo	João 3.31-36
16	Segunda	João 4.1-15
17	Terça	João 4.16-30
18	Quarta	João 4.31-42
19	Quinta	João 4.43-54
20	Sexta	João 5.1-18
21	Sábado	João 5.19-30
22	Domingo	João 5.31-47
23	Segunda	João 6.1-15
24	Terça	João 6.16-21
25	Quarta	João 6.22-59
26	Quinta	João 6.60-71
27	Sexta	João 7.1-9
28	Sábado	João 7.10-24
29	Domingo	João 7.25-52
30	Segunda	João 8.1-11

MAIO

1	Terça	João 8.12-24
2	Quarta	João 8.25-40
3	Quinta	João 8.41-59
4	Sexta	João 9.1-14
5	Sábado	João 9.15-27

6	Domingo	João 9.28-41
7	Segunda	João 10.1-7
8	Terça	João 10.8-15
9	Quarta	João 10.16-21
10	Quinta	João 10.22-30
11	Sexta	João 10.31-33
12	Sábado	João 10.34-38
13	Domingo	João 10.39-42
14	Segunda	João 11.1-16
15	Terça	João 11.17-44
16	Quarta	João 11.45-57
17	Quinta	João 12.1-11
18	Sexta	João 12.12-19
19	Sábado	João 12.20-43
20	Domingo	João 12.44-50
21	Segunda	João 13.1-11
22	Terça	João 13.12-17
23	Quarta	João 13.18 -20
24	Quinta	João 13.21 -26
25	Sexta	João 13.27-30
26	Sábado	João 13.31-34
27	Domingo	João 13.35-38
28	Segunda	João 14.1-6
29	Terça	João 14.7-14
30	Quarta	João 14.15-24
31	Quinta	João 14.25-31

JUNHO

1	Sexta	João 15.1-9
2	Sábado	João 15.10-19
3	Domingo	João 15.20-27
4	Segunda	João 16.1-11
5	Terça	João 16.12-16
6	Quarta	João 16.17-24
7	Quinta	João 16.25-33
8	Sexta	João 17.1-10
9	Sábado	João 17.11-21
10	Domingo	João 17.22-26
11	Segunda	João 18.1-12
12	Terça	João 18.13-27
13	Quarta	João 18.28-40
14	Quinta	João 19.1-16
15	Sexta	João 19.17-27
16	Sábado	João 19.28-37
17	Domingo	João 19.38-42
18	Segunda	João 20.1-10
19	Terça	João 20.11-18
20	Quarta	João 20.19-23
21	Quinta	João 20.24-31
22	Sexta	João 21.1-8
23	Sábado	João 21.9-19
24	Domingo	João 21.20-25/25

O EVANGELHO DE JOÃO

A teologia de Jesus Cristo

O Evangelho de João é chamado, também, de “Quarto Evangelho”, em virtude de sua colocação na ordem dos Evangelhos no Novo Testamento. Seu autor é o apóstolo João. Esta é a opinião universalmente aceita, embora seu nome não seja mencionado no texto e, embora, haja conjecturas divergentes de alguns autores. É que este é o testemunho da tradição que vem desde os primeiros dias do período apostólico da história do cristianismo. Quanto à data em que foi escrito, situa-se entre os anos 95 e 100 d.C., pouco antes da morte de João.

“Enquanto Lucas e Mateus iniciam seus Evangelhos narrando o nascimento de Jesus, e Marcos inicia focalizando o início do ministério terreno de Jesus, João inicia seu Evangelho com a eternidade dele, como o Verbo de Deus, sendo o próprio Deus que se fez carne”

JOÃO E OS SINÓTICOS

O Evangelho de João distingue-se dos demais: Mateus, Marcos e Lucas, que são chamados Sinóticos, em virtude de seguirem uma linha de paralelismo na narrativa dos episódios da vida de Jesus Cristo, com as mesmas características literárias, enquanto João prefere seguir um plano diferente, deixando a impressão de ter sido escrito com a intenção de complementar os demais.

O Evangelho de Marcos é o mais antigo, enquanto o de João é o mais teológico, o mais interpretativo da pessoa, da obra e dos ensinamentos de Jesus Cristo.

Enquanto Lucas e Mateus iniciam seus Evangelhos narrando o nascimento de Jesus, e Marcos inicia focalizando o início do ministério terreno de Jesus, João inicia seu Evangelho com a eternidade dele, como o Verbo de Deus, sendo o próprio Deus que se fez carne. Selecionou sete fatos milagrosos realizados por Jesus e alguns de seus sermões.

A FINALIDADE DO EVANGELHO DE JOÃO

Quanto à finalidade de seu Evangelho, ele diz, no capítulo 20, versículo 31, referindo-se aos milagres que registrou, que eles

“No Evangelho de João, a teologia foi colocada com tanta clareza e simplicidade que todos, inclusive crianças, entendem claramente a grandeza do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo, seu Filho”

“foram escritos para que creiais que Jesus Cristo é o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome”. É um Evangelho dirigido a toda a humanidade, com o fim de produzir fé em Jesus Cristo como o Filho de Deus, para conduzir almas à salvação eterna. Confirma esta finalidade no versículo conhecido como “o coração da Bíblia”, em que ele registrou as seguintes palavras de Jesus: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16).

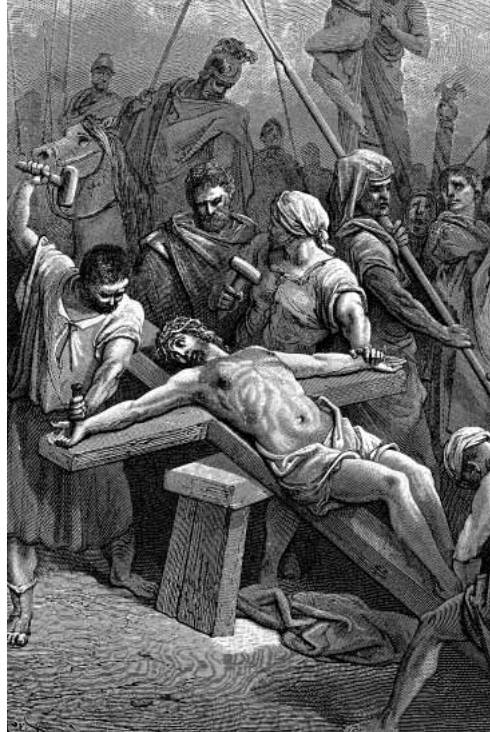
UMA PREOCUPAÇÃO APOLOGÉTICA

Grassava, no final do período apostólico, uma heresia conhecida como gnosticismo, que afirmava que Jesus era apenas uma emanção espiritual de Deus, uma aparência, não real. João quis combater esse desvio da fé; quis mostrar que Jesus era, historicamente, real, que ele era o próprio Deus feito carne, Deus feito homem.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Ilson. *Pastorais do Verbo de Deus – O Evangelho de João*. Rio de Janeiro: JUERP, 2004.

GONÇALVES JÚNIOR, Almir dos Santos. *Em conversa com o Mestre – A teologia de Jesus no Evangelho de João*. Rio de Janeiro: JUERP, 2004.



Essa preocupação do autor do quarto Evangelho se encontra registrada, também, em sua primeira carta, quando ele diz: “Todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que está já no mundo” (1Jo 4.2,3).

A TEOLOGIA DE JOÃO

No Evangelho de João, a teologia foi colocada com tanta clareza e simplicidade que todos, inclusive crianças, entendem claramente a grandeza do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo, seu Filho. Isto explica por que tantos, em todo o mundo, o preferem como material destinado à evangelização.

A revelação de Deus

Texto bíblico:

João 1.1-54

Texto áureo:

João 1.14

Jesus Cristo é apresentado no Evangelho de João como o ser eterno que é Deus tornado homem e que é o autor da criação de todas as coisas, a revelação perfeita de Deus e o autor da redenção como o Cordeiro de Deus enviado para ser oferecido em sacrifício para a salvação dos pecadores. Ele é, também, a luz do mundo, que os homens rejeitaram, e que conferiu, aos que creram nele, o poder de se tornarem filhos de Deus. No início do Evangelho, ele já define tudo isto a respeito de Jesus Cristo.

1. No princípio era o Verbo – O Evangelho de João se inicia de uma forma completamente diferente da forma dos demais Evangelhos. Mateus e Lucas dedicam seus primeiros capítulos a narrativas do nascimento e infância de Jesus; Marcos entra diretamente no início de seu ministério terreno; João inicia olhando para a eternidade, para um momento que ele denomina de “princípio”, e o define como sendo o Verbo eterno de Deus e que era o próprio Deus. Aquele homem que fora rejeitado pelo povo, no meio do qual surgiu e atuou, era o mesmo ser que existia no princípio de todas as coisas. O Verbo de Deus é o Logos eterno, a expressão objetiva de Deus, sua palavra, razão, expressão. Com estas palavras, João definia Jesus Cristo como o Deus que se fez carne e habitou entre nós.

Em vez de começar com o nascimento de uma criança, João inicia com a criação do próprio mundo. No momento em que ele foi criado, o Verbo que veio ao mundo em forma humana já partilhava da existência, e foi, ele próprio, o agente criador de todas as coisas. A respeito dessa pessoa que João apontou como o Verbo de Deus que se fez carne, o apóstolo Paulo disse: “Este é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; pois nele foram criadas todas as coisas; nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste” (Cl 1.15-17).

2. João Batista, o precursor – João Batista foi o homem mandado por Deus para ser o precursor de Jesus; para ser quem anunciaria sua chegada ao mundo. Sua vinda estava profetizada no Antigo Testamento. Setecentos anos antes do nascimento de Jesus, Isaías profetizou: “Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; endireitai no ermo vereda a nosso Deus” (Is 40.3); e Malaquias, 400 anos antes de Jesus, termina o Antigo Testamento dizendo: “Eis que envio o meu anjo, que preparará o caminho diante de

mim; e de repente virá ao seu templo o Senhor a quem vós buscais, o anjo do concerto, a quem vós desejais; eis que vem, diz o Senhor dos Exércitos” (Ml 3.1). Depois de 400 anos de silêncio, durante os quais Deus preparou o mundo para a chamada “plenitude dos tempos” (Gl 4.4), ouviu-se a voz de João Batista pregando no lugar ermo a chegada do Messias, e batizando todos os que se arrependiam de seus pecados. Ele testemunhou a respeito de Jesus Cristo como sendo o Filho de Deus, o Cordeiro que veio para tirar o pecado do mundo.

João Batista era um homem singular. Vivia no deserto, comia gafanhotos e mel silvestre, e se vestia com peles de animais. Mas, a sua mensagem causava muito mais impacto do que sua aparência. Inúmeras pessoas vinham até o Jordão para serem batizadas por ele. O murmúrio que corria por toda parte era que ele poderia ser o Messias que eles aguardavam. Mas João Batista disse claramente não ser o Messias e, sim, a voz do que clama no deserto, isto é, o cumprimento da profecia de Isaías, anunciando que era maior do que ele. Ele falou que Jesus era o Cordeiro de Deus que viera para tirar o pecado do mundo. Podemos entender que sua voz não encontrou acolhida num grande número de pessoas. Mas houve os que acreditaram, e a estes Deus lhes deu o poder de se tornarem filhos de Deus.

3. Os primeiros discípulos – Depois do batismo de Jesus, e depois de João testemunhar a respeito dele como o Cordeiro de Deus, Jesus foi seguido por alguns dos discípulos de João, conversaram com ele e se convenceram de que Jesus era o Messias. Então, começaram a testemunhar a respeito dele, dizendo: “Achamos

o Messias”. Dos que resolveram confiar nesse testemunho, destacaram-se André, Pedro, Filipe e Natanael. Eram pessoas simples, pescadores, geralmente iletrados, que até para ouvir a palavra precisavam da ajuda dos escribas, que eram os poucos que dominavam a língua hebraica das sinagogas. Foram estes homens os primeiros discípulos de Jesus.

APLICAÇÕES PARA A VIDA

1. Jesus é anunciado por João como o próprio Deus. Essa mensagem ainda é escândalo para muitas pessoas. Tem gente que não consegue aceitar que Deus possa ter encarnado na forma de uma pessoa e vivido no meio dos homens. Mas, escândalo ou não, essa é a principal mensagem da igreja de Cristo. Você já reconheceu Jesus como o Salvador de sua vida? Está propagando essa verdade?

2. Deus se fez homem para revelar o caminho de volta para ele. Ele se revelou de uma forma que poderíamos entender e compreender. Jesus é a revelação máxima de Deus e de sua vontade. Você já reconheceu Jesus como o caminho, a verdade e a vida? Está testemunhando a respeito disto?

3. Deus resolveu escolher as coisas loucas do mundo para envergonhar as sábias. Em vez de um príncipe, colocou João Batista para ser o porta-voz de seu Filho. Em vez de letrados e sábios, escolheu pessoas simples e rudes para serem discípulos e discípulas. Pode ser estranho, mas este é o jeito de Deus agir. Você já reconheceu a forma sobrenatural e poderosa de Deus agir em sua vida? Tem sido agradecido? Tem passado adiante esta mensagem?

Jesus inicia os sinais de seu ministério

Texto bíblico:

João 2

Texto áureo:

João 2.11

Costuma-se dizer que Jesus iniciou seu ministério com a realização de duas ações em público, que foram a transformação de água em vinho em Caná da Galileia (2.1-12) e, a seguir, a purificação do templo, em Jerusalém (2.13-25). Em verdade, porém, ele iniciou seu ministério preparando os primeiros discípulos. Uma vez batizado, foi para o deserto onde foi tentado durante 40 dias (Mt 3.13 a 4.11). Ao voltar, passou pelo lugar onde João Batista continuava batizando, e foi apontado por ele a alguns de seus discípulos como sendo o Cordeiro de Deus. Estes o seguiram até a casa onde residia, ouviram seus ensinamentos até o entardecer, e creram nele como sendo o Messias que havia de vir. No dia seguinte, Jesus encontrou-se com Filipe, o evangelizou, e manifestou necessidade de viajar para a Galileia, provavelmente, para participar de uma festa de casamento com sua família (Jo 1.43). Três dias depois, estando presente na festa de casamento, realizou o primeiro sinal de seu ministério na presença de seus primeiros discípulos.

1. O primeiro milagre (Jo 2.1-12) – João coloca o início do ministério público de Jesus numa festa de casamento: “Assim deu Jesus início aos seus sinais em Caná da Galileia e manifestou a sua glória; e os seus discípulos creram nele” (2.11). Esse mila-

gre aconteceu três dias depois de ter manifestado desejo de viajar para a Galileia, após ter evangelizado Filipe (1.43).

Os casamentos eram, como hoje, importantes expressões de alegria da sociedade. Maria, mãe de Jesus, ele e seus irmãos compareceram. Em dado momento, tendo ela percebido o constrangimento de ter acabado o vinho recorreu a Jesus. O fato de ela ter pedido ajuda a Jesus indica que tinha consciência de seu poder e, também, que provavelmente o casamento ocorria em família de sua parentela ou de amigos. A resposta que Jesus deu não pode ser tomada como desrespeitosa para com sua mãe. Era apenas um recado de filho para mãe. Jesus tinha o momento certo em seu plano de ministério para iniciar suas atividades que mostrassem sua glória; além disso, o termo “mulher” era usado com sentido de honra e foi honrando que Jesus assim se dirigiu à sua mãe.

Jesus agiu discretamente. Não fez nenhum gesto espalhafatoso. Não houve relâmpagos nem trovões. Ele apenas ordenou aos servidores que enchessem de água as talhas que havia na casa, e depois mandou que as levassem ao chefe do cerimonial, e este constatou que, em vez de água, havia ali vinho de boa qualidade. Esse milagre manifestou a natureza divina de Jesus e, por isso, os seus discípulos confirmaram sua fé nele como sendo o Messias.

A Bíblia condena abertamente o uso de bebida forte, o que hoje chamamos de bebida alcoólica (leia Levítico 10.9; Números 6.3; Provérbios 20.1; 23.32; Isaías 5.22; Efésios 5.18). Como explicar, então, que Jesus tenha suprido a festa de vinho? Não se tratava de bebida alcoólica. Tratava-se do fruto da vide, como chamavam o que nós hoje chamamos de suco de uva. Não era vinho como hoje conhecemos. Era o vinho novo, não fermentado. A transformação da água em vinho não pode, portanto, ser tomada como uma licença para o uso de bebidas alcoólicas por crentes. A Bíblia nunca se contradiz. Essa transformação ilustra o poder de Jesus Cristo de transformar a natureza de quem crê.

2. A purificação do templo (Jo 2.13-25) – Depois da festa em Caná, Jesus, sua mãe e seus irmãos viajaram para a cidade de Cafarnaum, onde permaneceram poucos dias, e depois subiram para Jerusalém, por causa da festa da páscoa (2.12,13). Jerusalém era, para os judeus, a cidade de Deus. Nela ficava o templo, o centro da vida religiosa dos judeus e símbolo da presença de Deus; era o lugar onde aconteciam os sacrifícios, a adoração e as festas nacionais como a festa da Páscoa, das primícias e das tendas. A da Páscoa lembrava a libertação do povo do Egito, quando apenas os primogênitos dos egípcios foram mortos pela última praga enquanto os israelitas estavam protegidos pelo sangue do cordeiro. Foi para esta grande festa que Jesus e sua família se dirigiram.

O templo tinha deixado de ser uma instituição religiosa para se tornar uma instituição de interesses comerciais. Seus cofres estavam abarrotados de ouro e objetos preciosos. E os cambistas lá estavam com suas mesas, trocando moedas estran-

geiras pela nacional, porque os sacrifícios só podiam ser comprados com dinheiro israelita; lá estavam, também, os vendedores de animais para sacrifícios. O ato de Jesus foi um ato de indignação e de efeitos pedagógicos. A casa de Deus devia ser usada como casa de oração, mas a estavam transformando em “casa de venda” (v. 16). Seu ato ensina que Deus não tolera os que fazem mercado da relação com ele. A piedade do povo não pode virar fonte de lucro. Questionado pelos judeus sobre a autoridade para fazer aquilo, e tendo eles exigido um sinal, referiu-se à ressurreição de seu corpo, como templo, como o sinal de sua divindade que haveriam de ver. E ficou ainda alguns dias em Jerusalém fazendo sinais; e muitos, vendo-os, creram nele. Uma das pessoas que se impressionaram com seus sinais foi Nicodemos, que estudaremos na próxima lição.

APLICAÇÕES PARA A VIDA

1. Jesus fortalece a instituição familiar ao iniciar seu ministério numa festa de casamento. A sociedade de hoje desvaloriza o casamento. Tenhamos cuidado.

2. Assim como Jesus, por ser o Deus encarnado, pôde transformar água em vinho, ele pode transformar o coração do pecador para que se torne nova criatura e tenha vida eterna.

3. Multiplicam-se, em nossos dias, os modismos religiosos em que gananciosos fraudadores da Palavra de Deus fazem do evangelho meio de enriquecimento, cumprindo o que o apóstolo Pedro profetizou: “E por avareza farão de vós negócio com palavras fingidas; sobre os quais já de largo tempo não será tardia a sentença, e a sua perdição não dormita” (2Pe 2.3). Evitemos os tais.

O novo nascimento e o testemunho de João Batista sobre Jesus

Texto bíblico:

João 3

Texto áureo:

João 3.16

Há dois importantíssimos acontecimentos narrados no capítulo 3: o ensino de Jesus a respeito do novo nascimento, ministrado ao importante homem chamado Nicodemos (3.1-21), e o testemunho de João Batista a respeito de Jesus Cristo (3.22-36).

1. A situação religiosa de Nicodemos

– O capítulo três de João narra a visita de Nicodemos a Jesus. Nicodemos era um dos líderes religiosos dos judeus. Ao ler este relato, os leitores do Evangelho de João tomam conhecimento que pastores de Israel se encontraram com Jesus e alguns reconheceram sua origem celestial, como Nicodemos, ao dizer “bem sabemos que és vindo de Deus” (v. 2), mas o preconceito e as tradições, fortemente arraigados, os afastaram do Mestre a tal ponto que se tornaram seus inimigos e perseguidores.

O que leva um sistema religioso a afastar seus adeptos daquele que deveriam adorar? Os fariseus, como guardadores da lei de Deus, zelosos seguidores da lei, deveriam honrar e adorar Jesus enquanto ele realizava seu ministério na Palestina. O próprio apóstolo João diz que “ele veio para o que era seu e os seus não o receberam” (1.11). Examinando a história, fica-se sabendo que o legalismo foi o principal responsável por esse desvio do povo de

Deus. O legalismo é um desvio religioso da essência e finalidade da lei para o apego exagerado à forma. Assim, por exemplo, o sábado, que deveria ser uma expressão de adoração a Deus pela criação, se transformou numa das mais pesadas regras religiosas dos judeus, tornando-se um peso insuportável. Os legalistas formaram uma religiosidade com a qual pensavam que agradariam a Deus e alcançariam o seu favor se conhecessem e praticassem a lei e os preceitos que foram se avolumando em cima dela. Essa era a situação religiosa de Nicodemos. Por isso, por ser fariseu e príncipe, escolheu ir conversar com Jesus às ocultas, à noite.

2. Jesus instrui Nicodemos a respeito do novo nascimento

– O que Jesus ensinou com grande clareza a Nicodemos é que todo o conhecimento que ele tinha das ordenanças não era suficiente para salvá-lo. Somente a prática completa dos mandamentos poderia satisfazer a justiça divina. Infelizmente, essa via é impossível de ser trilhada. Ninguém pode cumprir totalmente todos os mandamentos. Não há uma só pessoa que consiga cumprir a lei de Deus do fundo do coração. Os judeus achavam que eram muito melhores que as pessoas mundanas (na linguagem deles, gentias) e impuras pela sua herança religiosa e suas tradições. Mas Jesus

esclareceu a Nicodemos que a salvação não pode vir das obras. Ela vem pela fé no Filho Unigênito de Deus: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (3.16).

Nicodemos pensou que Jesus falava de nascimento físico, e não entendeu. Então, o Senhor explicou que se tratava do nascimento do Espírito, pela fé no Filho de Deus. Com este ensino, Jesus tirou toda a possibilidade de os espíritas encontrarem base bíblica para a reencarnação. Jesus explicou claramente que o que é nascido da carne continua sendo carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. O novo nascimento é a regeneração mediante arrependimento e fé em Jesus como o Filho de Deus. Ele seria levantado (crucificado) como fora levantada a serpente de metal no deserto, e os que cressem nele não morreriam, mas teriam a vida eterna (Jo 3.14,15).

3. O testemunho de João Batista a respeito de Jesus (3.22-36) – Depois desse episódio, Jesus e seus discípulos foram para a Judeia, e batizavam (v. 22). João Batista, por sua vez, continuava batizando. A atuação de Jesus despertou ciúmes em alguns discípulos de João, os quais foram ter com ele e lhe deram a notícia de que Jesus estava batizando (se bem que ele mesmo não batizava, mas seus discípulos é que o faziam – 4.1,2). João Batista, então, testemunhou a respeito de Jesus e o exaltou como o Filho de Deus, que precisava crescer, enquanto ele, João, devia diminuir. Ele se mostrou um autêntico pregador do evangelho, ao dizer: “Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; mas aquele que não crê no filho não verá a vida; mas a ira de Deus sobre ele permanece” (v. 36).

João Batista não via Jesus como um concorrente, mas como o motivo de sua pregação. Era para isso que ele tinha sido levantado por Deus: para apontar para Jesus, o Cordeiro que veio tirar o pecado do mundo.

APLICAÇÕES PARA A VIDA

1. A vida eterna só é alcançada pela fé em Cristo. Mesmo que alguém consiga se esforçar ao máximo para cumprir todos os itens das ordenanças divinas, o estará fazendo por medo de punição ou para ser recompensado, e não por livre disposição para obedecer.

2. Temos de ter cuidado para não nos tornarmos legalistas, e estabelecer regras de comportamento para que as pessoas cumpram para depois, então, se aproximarem de Jesus. O ensino de Jesus é que o pecador precisa nascer de novo: arrepender-se dos pecados e crer em Jesus como o Filho de Deus e seu Salvador. Então, pela graça de Deus, mediante sua fé, o pecador é perdoado e regenerado. Nasce de novo para alcançar a salvação. Esta precisa ser a nossa mensagem. Este foi o ensino de Jesus a Nicodemos.

3. Ninguém consegue mudar de vida sem a atuação de Jesus Cristo em seu coração. Somente ele pode operar o novo nascimento. E, a partir daí, da regeneração, é que muda o comportamento, porque a pessoa passa a ser uma nova criatura em Cristo.

4. Os líderes e membros das igrejas precisam aprender com o exemplo de João Batista, que soube testemunhar de Jesus, apontando-o como o Filho de Deus com humildade, objetividade e clareza. Além disso, não sentiu ciúmes. Tinha consciência da superioridade de Jesus. Entendamos que somos companheiros uns dos outros na obra da pregação, e não concorrentes.

A missão de Cristo

Texto bíblico:

João 4 e 5

Texto áureo:

João 4.13,14

Ao evangelizar a mulher samaritana, Jesus afirmou para seus discípulos que os campos já estavam prontos para a ceifa e, assim, fazia ver a aproximação dos sedentos samaritanos que vinham em resposta ao testemunho da mulher. Jesus começou a colheita na terra dos samaritanos ali na beira daquele poço, enquanto tomava água. Que exemplo, para nós, de sabedoria e senso de oportunidade na obra de evangelização! Depois da evangelização da mulher samaritana, seguem-se, no texto para esta lição, a cura do filho de um régulo (ainda no capítulo 4), a cura de um aleijado em Jerusalém e o testemunho que Jesus deu de si mesmo: é o Filho de Deus que veio para dar a vida eterna aos que creem (Jo 5.24).

1. Os campos brancos para a ceifa –

Enquanto os discípulos se afastaram em busca de alimento, Jesus pediu à mulher que lhe desse água. A resposta que ela deu ilustra o comportamento usual dos que cultivam em seus corações os preconceitos e os ressentimentos a ponto de se desprezarem. Na sua resposta, ela denunciou a inimizade entre judeus e samaritanos (v. 9). Jesus não se ofendeu. Em vez de receber a água que pedira, ofereceu água viva para ela (v. 13,14). Como a mulher não entendeu o sentido da água que ele lhe oferecia, Jesus denunciou sua situação espiritual, perguntando pelo seu marido e,

dessa forma, levou-a a confrontar-se com sua situação de pecado. E a mulher o reconheceu como profeta. Ela muda de assunto, perguntando sobre o verdadeiro lugar de adoração e Jesus ensina que o culto a Deus deve ser prestado em espírito e em verdade, em qualquer lugar (v. 21-24). Com essas palavras, Jesus suscitou na mulher a grande esperança de judeus e samaritanos, a saber, a vinda do Messias. É nesse momento que Jesus revela sua natureza e sua missão ao dizer: “Eu sou o Messias, o que fala contigo” (v. 26).

Esta mensagem transformou aquela mulher. Ela largou o que tinha ido fazer, deixou o cântaro e foi depressa anunciar aos seus conterrâneos o que havia ouvido. O Messias tinha chegado. Como resultado de seu testemunho, vários homens foram até Jesus, ouviram-no, e o convidaram para ficar na cidade alguns dias. O resultado foi a conversão deles. Os discípulos viram que, realmente, o campo estava pronto para a ceifa.

Nesse episódio, vemos como Jesus viveu grande parte de seu ministério no meio dos excluídos e dos mais miseráveis da sociedade. As pessoas mais religiosas da época, os mais piedosos, os que achavam que estavam fazendo exatamente a vontade de Deus rejeitaram Jesus peremptoriamente, enquanto samaritanos, que eram um povo excluído pelos judeus, o aceitaram.

2. A cura do filho do régulo; e do paralítico no tanque de Betesda (4.43 a 5.15)

Jesus ficou com os samaritanos dois dias e depois partiu para seu destino, que era a Galileia; novamente se dirigiu à cidade de Caná, onde fizera seu primeiro milagre. Aí encontrou um régulo (oficial do rei) que lhe pediu que descesse a Cafarnaum, onde estava à morte seu filho. Jesus não foi, mas disse que ele estava curado. O homem creu. Estava longe de casa, mas acreditou que a palavra de Jesus era suficiente para que o milagre acontecesse. O versículo 48 – “Se não virdes sinais miraculosos e prodígios de modo nenhum crereis” – era um teste para ele. Mas ele não precisou de nada disso para crer. Os judeus pediam exatamente sinais a Jesus para crerem. Mas o régulo creu sem ver sinais. A fé não é produzida com sinais. Vemos isto na ressurreição de Lázaro. Todos viram que ele estava morto e o viram sair do sepulcro e andar mas, depois disso, os líderes religiosos decidiram matar Jesus em vez de crer nele (Jo 11.53).

Outro exemplo de fé está no episódio da cura do paralítico curado perto do poço de Betesda, em Jerusalém (5.1-15). Não se sabe quanto tempo depois do milagre da cura do filho do régulo aconteceu isso. O texto diz apenas “depois disto”. Jesus voltou a Jerusalém, por causa de uma festa dos judeus, que o texto não esclarece qual. O homem era paralítico há 38 anos e esperava o milagre do movimento das águas do poço para ser curado, mas sempre alguém chegava antes dele. Nada indicava que ele pudesse ser curado naquele dia. Mas, ao ouvir as palavras de Jesus, para que ele se levantasse e carregasse sua cama, imediatamente obedeceu, e pôde experimentar em sua vida o que era impossível do ponto de vista humano. Os fariseus criticaram o homem porque carregou sua cama sendo sábado. Em vez de glorificarem a Deus pela cura do homem,

isso não os impressionou. Deram atenção antes ao fato de ele carregar sua cama no sábado, o que era uma quebra da lei. Essa atitude era própria dos legalistas. Então, por causa disso, quiseram matar Jesus.

3. O testemunho de Jesus sobre sua natureza e sua missão (5.16-47)

Diante da contestação dos judeus porque Jesus curara o homem num sábado, o Senhor respondeu dando testemunho a respeito de sua natureza e de sua missão. Declarou-se o Filho de Deus, repreendeu os fariseus porque não davam crédito às Escrituras, que falavam a seu respeito, e proferiu as palavras que são a essência do evangelho: “Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida” (5.24). Esta é a missão de Jesus. Dar a vida eterna ao que crê. Mas os judeus o rejeitaram.

APLICAÇÕES PARA A VIDA

1. O ditado popular citado por Jesus – “Dizeis que ainda faltam quatro meses para a ceifa” – significava protelação e acomodação. Seu sentido era: “Calma, nada de pressa, vá devagar, porque há tempo”. Não havia, não. E não há. É urgente a ceifa. Por isso, Jesus parou ali em Sicar, e salvou pessoas rejeitadas pelos judeus. Apressemo-nos na divulgação do evangelho.

2. O régulo não pediu provas para crer. As provas não são sinais de fé, mas da falta dela. Precisamos crer ainda que as circunstâncias não favoreçam, ainda que os olhos não vejam, ou ainda que tudo aponte o contrário. Os milagres que Jesus praticou e estão registrados nas Escrituras são suficientes. Buscar, hoje, sinais e prodígios é sinal de incredulidade, e não de fé.

O ministério de Jesus se amplia

Texto bíblico:

João 6 e 7

Texto áureo:

João 6.67,68

Os milagres realizados por Jesus em seu ministério tinham a finalidade de mostrar que ele é o Messias prometido, o Filho de Deus. João mesmo diz isto em 20.31: “Estes foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome”. Ao todo, João narrou oito sinais. No capítulo 6 são narrados dois desses sinais e é registrado o discurso de Jesus às multidões e aos discípulos, em que ele ensina que é o pão da vida, que sua carne é, verdadeiramente, comida e o seu sangue bebida, o que escandalizou a multidão. Esta se afastou dele e os discípulos se inquietaram, o que deu oportunidade para a confissão de Pedro. No capítulo 7, o foco muda para o templo, em Jerusalém, para onde Jesus se deslocara, por ocasião da festa dos tabernáculos, quando proferiu ensinamentos que revoltaram os fariseus que tentaram prendê-lo para matá-lo.

1. Milagre sobre a matéria (6.1-15) – A passagem narra a multiplicação dos pães. Foi um sinal de tal eficácia, que foi registrado em todos os outros Evangelhos. Foi um fenômeno extraordinário, uma operação miraculosa de Jesus, não realizada apenas na mente ou coração, mas objetiva, do poder e autoridade de Jesus, o Filho de Deus, sobre a matéria. Os discípulos comentaram com Jesus a impossibilidade de alimentarem a multidão: não tinham di-

neiro para comprar pão para aquela multidão, mesmo que houvesse onde comprar. O que faltou aos discípulos foi perceber que o Senhor de todas as coisas estava lá. Era preciso crer, não questionar. A reação do povo foi crer que Jesus, sendo o Messias, devia ser aclamado rei. Por isso, Jesus Cristo se afastou da multidão, porque seu reino não é deste mundo.

2. Milagre de Jesus sobre a natureza (6.16-21) – No final do dia, os discípulos tinham retornado para Cafarnaum e estavam atravessando o Mar de Genezaré, quando Jesus foi ao encontro deles a uma distância de 5 a 6 quilômetros mar adentro, andando sobre as águas. Foi o quinto sinal feito na Galileia, e demonstrou seu poder sobre a natureza, que ele mesmo criara.

3. Cristo é o pão da vida (6.22-59) – No dia seguinte, a multidão, percebendo que Jesus havia regressado a Cafarnaum, partiu para lá. Queriam fazê-lo rei. Exigiram de Jesus um sinal, mas Jesus se negou a lhes dar mais pão e, então, proferiu seu discurso sobre si mesmo como sendo o verdadeiro pão do céu. A multidão apelara para a experiência do maná no deserto, e Jesus afirmou que o verdadeiro pão do céu é ele; que em sua presença e atuação, Deus está a prover o alimento espiritual que o homem necessita para viver. Além disso, Jesus ensinou que ele é o poder doador da vida:

quem de mim se alimenta por mim viverá (v. 57). Ensinou, também, que o ato simbólico de comer o pão é representado no ato de crer nele (v. 29). Jesus ensinou que se deve atentar para a vontade de Deus, em obediência da fé, cuja prova é o reconhecimento e a submissão a Jesus, ou seja, crer nele como enviado de Deus para salvar o homem que passa a viver para servi-lo. Esta adesão contínua é apresentada nas expressões “comer o pão”, “comer sua carne” e “beber seu sangue”, ação de fé que resulta na perfeita comunhão com ele.

4. Jesus enfrenta a oposição (6.60 a 7.1-53) – O discurso de Jesus causou muito rebuliço no meio dos judeus. Isto se deu por causa da figura de Moisés. A multidão engrandeceu Moisés, como tendo dado o pão do céu ao povo, no deserto. Jesus os contradisse, porque ele, Jesus, é o verdadeiro pão vivo do céu (6.32). Jesus enfrentou, corajosamente, a oposição, demonstrando que eles haviam se esquecido do conteúdo central da mensagem da Lei e dos Profetas: que é apontar para o Messias, para a esperança de uma nova aliança, que é do Espírito. Desde esta ocasião, muitos desistiram de seguir Jesus, pelo que ele perguntou aos apóstolos se queriam também abandoná-lo; e Pedro fez esta confissão: “Senhor, para onde iremos nós? Só tu tens as palavras da vida eterna” (v. 68).

No capítulo 7, quando ensinava no templo, para onde Jesus foi depois de algum tempo de estada na Galileia por causa da festa dos tabernáculos, esta oposição se tornou mais acirrada, pois Jesus denunciou o intuito dos judeus que era matá-lo, numa clara afronta ao mandamento do Decálogo “não matarás”. Deus estava no controle de todos estes eventos, porque João declarou que “procuravam prendê-lo, mas

ninguém lhe pôs a mão, porque ainda não era chegada a sua hora” (7.30,44).

Os fariseus discutiram a respeito de Jesus, ainda planejando prendê-lo, mas Nicodemos, o que visitara Jesus à noite (cap. 3), argumentou com eles sobre a ilegalidade do que pretendiam fazer, pelo que desdenharam dele, mas suspenderam sua ação, e todos foram para suas casas.

5. Quem é Jesus? – Ainda, hoje, o principal questionamento que muitos fazem em relação à pessoa de Jesus é a afirmação de que ele era apenas um homem (6.42; 7.26,27). Mas, ele mesmo afirmou que dentre os seus seguidores havia muitos descrentes (6.64), que muitos o abandonariam (6.66) e que um dos apóstolos era diabo (6.70). A estes Jesus afirmou que veio de Deus, e que dá a vida eterna porque é o pão vivo, que suas palavras são espírito e são vida, que “aquele que o enviou é verdadeiro... venho da parte dele e fui por ele enviado” (7.28,29). Jesus é o Filho de Deus, enviado para dar a vida eterna a quem nele crer, e os sinais que ele realizou demonstram isto. Este é o resumo da mensagem do Evangelho de João.

APLICAÇÃO PARA A VIDA

Não nos deixemos iludir com os modismos religiosos de nossos dias. Eles transformam Jesus e o evangelho em meios de produzir prosperidade material para os que praticarem “atos de fé” que ensinam, que nada têm a ver com a Palavra de Deus, que são sortilégios, superstições e magias de misticismo com o fim de obrigar Deus a satisfazer suas pretensões gananciosas. Jesus Cristo é o Filho de Deus enviado pelo Pai, para dar a vida eterna ao que dele se alimenta pela fé. Esta é a mensagem que precisamos espalhar por toda a terra.

Perdão e Cura

Texto bíblico:

João 8 e 9

Texto áureo:

João 8.31,32

Nos capítulos 8 e 9, o Evangelho de João registra três ocorrências no ministério de Jesus durante sua presença em Jerusalém na Festa dos Tabernáculos. Após a tentativa frustrada de prender Jesus para o matar (estudo anterior), seus opositores se dispersaram e foram para suas casas. Jesus, entretanto, foi para o Monte das Oliveiras (8.1) e, na manhã seguinte, voltou ao templo e, do lado de fora, a multidão se aproximou dele e ele começou a ensinar. Foi quando lhe trouxeram a mulher apanhada em adultério. Depois desse episódio, ele voltou a ensinar à multidão e proferiu o sermão em que se declarou como a luz do mundo; finalmente, ainda em Jerusalém, ocorreu o episódio da cura do cego de nascença, que aguçou ainda mais a oposição dos escribas e fariseus contra Jesus. Nessas três ocorrências se afirmam e se aprofundam as evidências de que Jesus Cristo é o Messias que havia de vir, o Filho de Deus, como João queria demonstrar em seu Evangelho.

1. O perdão (8.1-11) – A lei estabelecia que ambos os adúlteros apanhados em pecado deviam morrer: homem e mulher (Dt 22.22), mas os escribas e fariseus queriam apedrejar apenas a mulher. O que eles queriam era apanhar Jesus num dilema, numa armadilha: se Jesus mandasse condenar a mulher, estaria em falta perante Pilatos, governador romano, única au-

toridade que poderia aplicar a lei capital; e Jesus seria denunciado; se mandasse não apedrejar, descumpria a lei, e cairia em descrédito diante do povo. Jesus desfez esta armadilha com sua atitude e resposta.

O que Jesus demonstrou, ao perdoar e livrar a mulher, é que nós não estamos equipados para julgar (dar o veredito) a ninguém, porque nós somos pecadores. Jesus era o único que poderia fazer mas, mesmo assim, preferiu a misericórdia e com seu perdão apelou à mulher para abandonar o pecado, para não pecar mais, porque estava perdoada. Sigamos o exemplo de Jesus.

2. A luz do mundo (8.12-59) – A mulher se retirou, perdoada, após seus acusadores também terem se retirado, e Jesus prosseguiu, diante da multidão, ensinando, e iniciou dizendo: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andaré em trevas, mas terá a luz da vida” (v. 12). O contexto desta passagem, a Festa dos Tabernáculos, ofereceu a Jesus a oportunidade que necessitava para apresentar sua missão. Durante a festa, enormes candelabros eram acesos no templo. Por causa da posição elevada do templo, sua iluminação podia ser percebida em toda a cidade de Jerusalém. Aquela luz simbolizava a revelação e a verdade da fé judaica. Na Festa dos Tabernáculos, Jesus se declarou a luz do mundo, a verdadeira revelação de Deus. Segui-lo representaria abrir-se para a verdade e para a vida.

“Quem és tu?” Perguntaram os fariseus (v. 25). A indagação em si já implica a descrença, o não reconhecimento de Jesus como o Filho de Deus, enviado do Pai. Os inquiridores procuravam saber a linhagem de Jesus, sua descendência. Quanto a si próprios, apelaram para a descendência de Abraão (v. 33), para se justificarem e engrandecerem; mas Jesus os contradiz, porque eles não viviam como Abraão; o modo de agirem era diferente (v. 34-37) e até queriam matá-lo. Então, os acusou de ter como pai o próprio diabo. Se Deus fosse o pai deles, eles amariam Jesus, porque veio enviado pelo Pai. Mas ao querer matá-lo, demonstravam que queriam fazer a vontade do diabo (v. 40-44).

Deus enviou Jesus para possibilitar aos homens conhecê-lo, e crer nele como Salvador. Conhecer Jesus (crer nele) é, ao mesmo tempo, conhecer Deus (crer nele). Tentar conhecer Deus de qualquer outra forma é um exercício inútil. Quando Jesus fosse levantado, então o conheceriam. Jesus se aproxima do pecador na cruz do Calvário. Lá se efetivará o plano de redenção de Deus (Jo 3.14-21). Os judeus estavam julgando Jesus pelas suas leis e normas, mas estavam ausentes da verdade espiritual que lhes possibilitava se tornarem verdadeiros discípulos de Jesus. Só pode ser libertado do pecado quem permanece nos ensinamentos dele sobre seu ministério libertador: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (v. 32).

Os fariseus sofriam de cegueira, uma cegueira diferente. Mais adiante, no episódio do cego de nascença que Jesus curou, ele vai dizer aos fariseus: “Agora como dizeis: Nós vemos, permanece o vosso pecado” (9.41). Os fariseus tinham uma falsa concepção de Deus. Ocultavam sua qualidade de Pai, o seu amor para com os homens e o seu desígnio de lhes dar vida ple-

na. Esta falsa ideia de Deus é “a mentira” (v. 44). Os homens assumem esta mentira ao darem crédito às várias filosofias do mundo que exaltam o homem e suas estruturas. A mensagem para nós é que não pode haver relação filial com Deus sem amar Jesus que é o Filho (v. 42); os que o rejeitam, escolhem como pai o inimigo, o princípio da morte e da mentira (v. 44).

3. 0 cego de nascença (9.1-41) – O homem nascera cego, mas nem ele nem seus pais tinham culpa disto.

Havia, entre os hebreus, a crença de que todo mal físico era sempre consequência do pecado da própria pessoa ou de seus pais. Pensar que a cegueira do homem fosse resultado do pecado de seu pai até poderia ser entendido mas, como perguntar se o homem nascera cego por pecado dele próprio? Como pecar antes de nascer? O desconhecimento da verdade leva os homens a conviverem com concepções absurdas. Mas Jesus não discute. Ele responde que naquela vida abria-se a oportunidade de transformação pelo encontro com ele. E, tendo dito “eu sou a luz do mundo”, deu visão ao cego pelo processo que vem nos versículos 5 a 7. Na controvérsia levantada pelos fariseus com o homem que fora cego, este declarou: “Se ele é pecador ou não eu não sei. Só sei que era cego e agora vejo”.

Depois, quando o ex-cego se encontrou com Jesus no templo, o Senhor se revelou a ele como o Messias, e o homem o aceitou pela fé como seu Salvador. O adoro, isto é, caiu prostrado a seus pés. Jesus viu na cegueira daquele homem a oportunidade para demonstrar a compaixão no tempo presente (dia), a partir da fé nele. O convite é feito aos discípulos, como a nós também: que façamos as obras daquele que o enviou ao mundo.

Jesus, o Bom Pastor

Texto bíblico:

João 10

Texto áureo:

João 10.14

Não deve haver imagem mais marcante do que a que Jesus empregou para seu ministério de salvação do que a de um pastor de ovelhas. Ele não somente a usou para designar sua missão e sua maneira de atuar mas, também, se identificou como singular, como o único que pode receber a qualificação de “bom”. As expressões: pastor e pastorear já eram conhecidas no Antigo Testamento, aplicadas à natureza e à missão dos chefes em relação ao povo ao qual lhes competia dirigir. Além de se intitular “pastor”, Jesus se distinguiu como único, dizendo “Eu sou o bom pastor”.

1. Jesus como o Bom Pastor (Jo 10.1-7) – Este capítulo está na sequência da discussão de Jesus com as autoridades judaicas, como consequência de ter curado o cego de nascença num sábado. Ele os declarou como cegos que pensavam ver, por isso permaneciam no seu pecado e os qualificou, juntamente com todos os chefes religiosos, como falsos pastores, como ladrões e salteadores, porque eram pessoas que desprezavam a porta de entrada para o reino de Deus, e queriam dirigir o povo com falsos conceitos e falsa autoridade.

Em que Jesus diferenciava de todos os outros “pastores”, ou seja, o que o definia como o Bom Pastor?

1) Primeiro, Jesus estava em consonância com os propósitos do Pai: ele entra pela

porta, ou seja, segue o plano estabelecido por Deus. Os falsos líderes religiosos não atuavam segundo a vontade de Deus, pois, se desejassem fazê-lo, teriam que reconhecer Jesus como o Messias, que veio para guiar o povo para a vida eterna.

2) Jesus assume o papel de modelo e de guia. Ele vai adiante de suas ovelhas. Ele oferece um verdadeiro relacionamento com base na verdade que ele representa: as ovelhas ouvem a sua voz e ele chama pelo nome as suas ovelhas (v. 3). O relacionamento é mantido pela fé.

3) Ele dá a vida pelas suas ovelhas (10.11-21). Ele é o Messias de direito e de fato. Neste papel, ele se entrega pelas ovelhas e lhes abre a porta para a salvação: “Eu sou a porta das ovelhas” (v. 17). Com estas palavras João apresenta o aspecto substitutivo da missão de Jesus, no objetivo de libertar o homem da opressão do pecado, em sua morte de cruz. Ele, como pastor, é também a porta do aprisco e os que entram por ele encontram alimento. Crer nele é figurado por entrar por ele, que é a porta. Portanto, para viver é preciso crer naquele que dá a vida pelas suas ovelhas.

Ninguém tomaria a vida de Jesus. Sua morte não seria acidental na história. Ele não entraria na história como um mártir assassinado. Ele é o próprio autor da vida. Por isso, ele explicou: “ninguém a tira de

mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para dá-la e para tornar a tomá-la” (v. 18). Assim, referiu-se à sua ressurreição sob seu próprio poder.

2. A abrangência do rebanho do Bom Pastor (v. 16) – O que Jesus quis dizer com “outras ovelhas que não são deste aprisco”? Literalmente, deveríamos entender a citação como prenúncio da missão aos gentios. O propósito da expressão é apontar para a necessidade do mundo que jaz no Maligno (1Jo 5.19) em conhecer Jesus como Salvador e Senhor sem distinção alguma. Por outro lado, a expressão nos coloca frente com a tarefa de evangelização e missões, responsabilidades da igreja como sacerdócio real a serviço do Messias. O rebanho do Bom Pastor não abrangeria apenas o povo hebreu, mas se estenderia a todo o mundo.

3. As provas de que Jesus, o Bom Pastor, é o Messias (10.22-42) – Alguns, reportando-se aos sinais que Jesus tinha feito, principalmente a cura do cego de nascença, demonstravam-se impressionados por seu ensino (v. 21), mas outros insistiam na acusação de possessão demoníaca. As controvérsias prosseguem. Do versículo 21 ao 22 há um intervalo de tempo. Agora, o ambiente já é o de outra festa em Jerusalém, a festa da Dedicção, que ocorria no inverno, três meses depois da festa dos Tabernáculos. “Se tu és o Cristo, dize-no-lo abertamente” (v. 24). Em sua resposta, Jesus ressaltou que já o vinha afirmando, há tempos, mas sem obter a devida aceitação. Então, aponta, como principal argumento para provar sua natureza e sua missão messiânica, para as obras realizadas por ele em nome do Pai. O objetivo das manifestações e milagres realizados por Jesus era

provocar a fé e, conseqüentemente, trazer vida e liberdade ante a morte, o pecado e o mal. As obras realizadas em nome do Pai comunicam a unidade moral de vontade entre Deus e Jesus.

Jesus reafirmou que é o Filho de Deus, e que deviam crer nele por causa de suas obras. Por afirmar que o Pai estava nele, e ele no Pai, os fariseus quiseram novamente prendê-lo, mas Jesus saiu do meio deles, e se retirou para além do Jordão, onde muitos creram nele, porque viam que, por suas obras, era verdadeiro o testemunho de João Batista sobre ele, e ali ficou algum tempo, até que as irmãs de Lázaro o mandaram chamar por causa da sua enfermidade (10.39-42).

APLICAÇÕES PARA A VIDA

1. É importante saber que temos Jesus a nos comunicar a vida eterna. Não pode haver dúvida da autoridade de Cristo para cumprir sua promessa. As figuras do pastor e da porta abrem um caminho para a comunhão com ele.

2. Ter Jesus como Pastor é: (1) superar as barreiras instituídas pelo pecado, responsáveis pela existência humana afastada de Deus e de suas promessas; (2) reconhecer estar vivendo pela fé em Cristo, e não pelos próprios méritos, como julgavam os debatedores de Jesus, que se apegavam à letra da lei; (3) saber que a ressurreição não é o começo da vida eterna, mas a certeza dela, porque Jesus, no seu estado de exaltação, já a fez realidade, pela comunicação do Espírito da vida em nós.

3. Nosso dever é passar adiante estas realidades, para que muitos outros possam crer em Jesus, e passem a fazer parte de seu rebanho.

A chegada a Jerusalém

Texto bíblico:

João 11 e 12

Texto áureo:

João 11.25,26

Tendo se retirado para a Pereia, depois que o quiseram prender na Judeia, Jesus desenvolve um curto ministério nessa região, interrompido pela morte de Lázaro. Ele viaja de volta para Betânia e ressuscita Lázaro. Os judeus confabulam para matá-lo e, por isso, Jesus se retira para Efraim com seus discípulos, seis dias antes da Páscoa; volta a Betânia para participar de uma ceia oferecida a ele. Aí tem seus pés ungidos por Maria. No dia seguinte, entra triunfalmente em Jerusalém, que ficava a três quilômetros apenas de Betânia. Uns gregos querem conhecê-lo, e Jesus dá testemunho de sua missão como luz do mundo e Salvador, corroborado por uma voz do céu, que a multidão ouviu como um trovão, e Jesus define, mais uma vez sua missão: "Porque eu vim, não para julgar o mundo, mas para salvar o mundo" (12.47). Aproximava-se o final do ministério terreno de Jesus.

1. A ressurreição de Lázaro (Jo 11.1-45) – O milagre da ressurreição de Lázaro aponta para a glória de Deus porquanto demonstra o seu poder de dar vida a partir do presente. A demora de Jesus em ir até Betânia para socorrer Lázaro, que estava enfermo, segundo mensagem que lhe enviaram suas irmãs Marta e Maria, está nos versículos 6 a 10. É que a obra de Deus tem seu tempo certo para ser realizada. A glorificação de Deus pela demonstração

de poder sobre a morte não se daria com a cura da enfermidade de Lázaro, mas com sua ressurreição.

Os discípulos de Jesus temeram voltar a Betânia, muito próxima de Jerusalém, onde os fariseus já tinham tentado matar Jesus. Mas Tomé, corajosamente, desafia os outros apóstolos: "Vamos nós também para morrermos com ele" (11.16).

Ao chegar, Jesus deparou com a tristeza pela morte de Lázaro. E, vendo chorar Maria e os judeus que estavam com ela, moveu-se em espírito e se perturbou. Então, Jesus chorou (v. 32-35). Jesus era homem como nós, com sentimentos. Comover-se em espírito, segundo o verbo grego empregado, é "gerner"; e perturbar-se é "agitar-se", indicando uma reação externa, que transparece no verbo "chorou". Ao mesmo tempo em que era homem com emoções, era Deus, o Logos encarnado, em toda a sua glória e majestade.

2. O poder de Jesus sobre a morte (11.23-44) – Desde a entrada do pecado no mundo, a morte é o inimigo principal do homem. Nesta passagem, Jesus demonstra sua autoridade sobre a morte ao ressuscitar Lázaro.

"Teu irmão há de ressuscitar" (v. 23). A afirmação de Jesus não deixa dúvidas. Ele é o EU SOU, o Senhor da vida. Ao afirmar "Eu sou a ressurreição e a vida, quem crê em mim, ainda que morra viverá", Jesus articula

a verdade ulterior desse relato, ao plano de todo o livro de João: na vida, morte e ressurreição de Jesus é que o homem encontra vida (ainda que esteja morto).

“Crês tu isto?” (v. 26). Estaria Jesus testando a fé de Marta, ou desejava que a resposta dela servisse de testemunho aos presentes, de modo a confirmar sua condição de Messias, uma vez realizado o milagre? O certo é que nós, como crentes em Jesus, somos desafiados a expressar nossa fé diante dos mais intrincados problemas com que defrontamos.

O milagre da ressurreição de Lázaro foi realizado para testemunho aos presentes do poder de Deus para salvar mediante a fé de seus seguidores (v. 42).

Por causa da ressurreição de Lázaro, os judeus passaram a planejar a morte de Jesus, por isso, ele se retirou para Efraim com seus discípulos (v. 54), e voltou a Betânia seis dias antes da páscoa, para uma ceia na casa de Lázaro, Marta e Maria. Durante a ceia, Maria unge os pés de Jesus, simbolicamente preparando-o para a morte. Judas, ganancioso e avaro, protestou contra aquele gasto, mas Jesus elogiou o procedimento de Maria (12.1-11). Muita gente foi ao local, porque queria ver Jesus e também atraída pelo sobrenatural de ver o homem que fora morto e estava vivo. E muitos creram em Jesus. Mas os fariseus decidiram que matariam Jesus, e também Lázaro, porque, vendo-o ressuscitado, muitos estavam se convertendo a Jesus (v. 10,11).

3. A entrada triunfal de Jesus em Jerusalém (12.12-33) – Nesta passagem, o apóstolo João apresenta os eventos finais do ministério público de Jesus, antes de seu julgamento, condenação e crucificação. Dois destes relatos têm bastante importância para o propósito do autor do Evangelho: a entrada triunfal de Jesus e seu con-

tato com alguns gregos que vieram ao seu encontro.

“Ramos de palmeiras” (v. 13). Segundo Levítico 23.40, os ramos de palmeiras eram usados para celebrar a festa dos tabernáculos. No período interbíblico, os macabeus usaram ramos de palmeiras para celebrar a libertação do templo e da cidade dos conquistadores sírios. Agora, a multidão usa os ramos de palmeiras para saudar Jesus como rei e Messias. Provavelmente, os ramos eram para sugerir a Jesus que fizesse a mesma coisa: libertar o povo de Israel dos dominadores romanos.

Para cumprimento de uma profecia messiânica, que se encontra em Zacarias 9.9, Jesus entrou na cidade montado em um jumento.

Procurado pelos gregos, Jesus mais uma vez testemunhou de sua missão (v. 44-50). Foi o último sermão público de Jesus procurando levar os ouvintes a crerem nele para alcançarem a vida eterna.

APLICAÇÕES PARA A VIDA

1. Jesus é a ressurreição e a vida. Ele prometeu que no último dia ressuscitará a todos os que lhe pertencem. Esta convicção de fé é a nossa grande esperança e consolo. Perseveremos.

2. A mensagem que Jesus pregou em Jerusalém sobre sua missão é a mesma que precisamos continuar anunciando sem cessar: que ele é o Filho de Deus e veio a este mundo para oferecer a vida eterna a quem crer nele.

3. Jesus Cristo, o Messias, o Filho de Deus, é a luz do mundo. Insistir em não crer nele é andar em trevas. E isto resulta na morte, que é a condenação eterna. Cada crente precisa testemunhar de Jesus como a luz do mundo, para que outras pessoas sejam salvas.

Um momento difícil

Texto bíblico:

João 13

Texto áureo:

João 13.21

Há momentos na vida em que os sofrimentos são insuportáveis. Jesus também os enfrentou. O momento de ele passar desta vida para o Pai estava se aproximando. Então, ele se reuniu com os apóstolos num cenáculo cedido por pessoas amigas, para comemorar a Páscoa com eles. Essa ceia aconteceu no dia 15 do mês judaico de Nisan. Era a última ceia de seu ministério terreno. Possivelmente, seus discípulos já sentiam no ar o clima tenso de que algo terrível aconteceria. Antes, em um discurso, ele já lhes havia dito que ele teria que ir a Jerusalém, ser maltratado, morto e ressuscitar ao terceiro dia: “Desde então começou Jesus a mostrar aos seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, e padecer muito dos anciãos e dos principais dos sacerdotes, e dos escribas, e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia” (Mt 16.21). Durante essa ceia, Jesus lhes deu uma grande lição de humildade e lhes deu instruções sobre a necessidade de se amarem uns aos outros. Ao final dessa ceia, tendo Judas saído para o trair (v. 30), Jesus instituiu sua própria ceia, memorial de sua morte e anúncio de sua ressurreição, que até hoje os cristãos comemoram.

1. Uma lição de humildade (Jo 13.1-20) – Acabada a ceia pascal, e tendo Judas já determinado trair o Mestre, Jesus se levantou da mesa, e começou a lavar os pés aos discípulos. Era costume o anfitrião ter

servos que lavavam os pés dos convidados. Jesus ocupou esse lugar de serviço.

Ele sabia que estava para deixar este mundo, e que a continuação de seu trabalho estaria com os seus discípulos. Estariam eles prontos para continuarem? Ele sabia que necessitariam de coesão, e que a coesão depende do relacionamento e que o relacionamento depende do amor. E o amor está diretamente ligado à submissão. Assim, ao lavar os pés aos discípulos, proclamou uma das maiores mensagens que seus discípulos jamais haviam ouvido e visto. E ordenou: “Assim como eu fiz com vocês, façam o mesmo uns aos outros”.

A mensagem é que devemos servir uns aos outros, porque é servindo que se pratica o amor. Os seguidores de Jesus Cristo haveriam de se tornar conhecidos em virtude de darem a face outra vez, em virtude de servirem uns aos outros. Por causa disso, muitas vezes, nos consideramos fracos e medrosos, mas Deus demonstra, insistentemente, que é na fraqueza que ele faz a força. Seu poder se aperfeiçoa na nossa pequenez.

O procedimento de Jesus não foi para instituir um hábito litúrgico, semelhante ao que praticam alguns grupos de religiosos, com o chamado lava-pés. Seu procedimento foi para ilustrar a mensagem que desejava inculcar nos corações dos seus discípulos, isto é, que fossem humildes e servissem uns aos outros.

2. Um convite ao amor mútuo (Jo 13.18-30) – A pergunta que poderíamos fazer é como alguém poderia trair Jesus, que só pensava em ajudar as pessoas? Curava, pregava e ensinava em todo tempo. Ainda, assim, um dos seus discípulos o traiu.

Eu poderia apontar algumas respostas. Uma delas é que o evangelista registra que a traição era um cumprimento da Escritura do Antigo Testamento, que já previa que a traição acompanharia o Ungido de Deus (Sl 41.10). Para as igrejas que nasceram da pregação dos primeiros apóstolos, esta era mais uma evidência nas Escrituras de que Jesus era, realmente, o enviado de Deus.

Os outros Evangelhos narram que Judas procurou os adversários de Jesus e o vendeu por 30 moedas. A ganância estaria por trás da traição. O dinheiro aparece como base de quase todas as traições. O apóstolo Paulo ensinou que “o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males” (1Tm 6.10).

Outras respostas poderiam ser dadas, mas a essência de todas elas é a fraqueza humana. Pedro, de certa forma, também traiu Jesus ao negá-lo por três vezes. No caso de Pedro, Jesus o perdoou e, mais tarde, ele foi restaurado por Jesus em seu ministério, mas Judas, nem deu tempo para isso, porque praticou o suicídio.

3. A solene despedida (Jo 13.31-34) – Chega, finalmente, a hora da despedida. Jesus está para partir. Ele instituiu a ceia memorial de sua morte. Depois que Judas saiu, para o vender, ele disse: “Agora o Filho do homem é glorificado, e Deus é glorificado nele”, e a seguir lhes deu o novo mandamento: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos co-

nhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (v. 34,35). Nessas palavras de despedida, Jesus anunciou sua morte, ainda numa linguagem velada. Seus discípulos não compreendiam claramente o que iria acontecer. Por isso, Pedro pronunciou algumas palavras, misto de coragem e fanfarras que iria terminar na tríplice negação que viria breve. Jesus não negou que Pedro morreria por amor a ele, mas isso não seria naquele momento. Ele o trairia, mas seria restaurado, e daria sua vida por Jesus num futuro ainda distante, depois da plantação de muitas igrejas e do crescimento das comunidades cristãs pelo império romano.

APLICAÇÕES PARA A VIDA

1. Jesus morreu para que cada um, ao ser salvo por ele, fosse inserido numa igreja, seu corpo, que é uma comunidade de fé.

2. A natureza da igreja é a vida comunitária. Ser igreja implica estar em Cristo e, ao mesmo tempo, estar unidos em um mesmo propósito: proclamar a mensagem de salvação trazida pelo evangelho.

3. Não podemos viver numa igreja como se o outro simplesmente não existisse. As pessoas, à nossa volta, devem nos reconhecer pelo amor que praticamos pelos irmãos.

4. Numa época de crise, é possível que as pessoas vivam tão preocupadas com suas próprias vidas que não percebam o sofrimento do irmão ao lado. Precisamos estar atentos a isto para que cumpramos o mandamento de Jesus: Que nos amemos uns aos outros, como ele nos amou.

A promessa do Espírito Santo

Texto bíblico:

João 14 e 15

Texto áureo:

João 14.16

No fim da última ceia, tendo Jesus falado a respeito de sua partida para o Pai, os discípulos ficaram desolados, pensando em como viveriam sem a presença do Senhor amado. Como haveriam de viver sem suas palavras de conforto, sem seus ensinamentos? Jesus os consolou, prometendo que mandaria o Espírito Santo, para não os deixar órfãos. Não os deixaria sozinhos. Nunca os tinha abandonado, e não os abandonaria agora. É este o ensino central dos capítulos 14 e 15. Neste estudo, vamos analisar a pessoa do Espírito Santo como Ajudador, Intérprete e Testemunha.

No próximo estudo, abordaremos ainda sobre o Espírito Santo, no capítulo 16, a respeito de suas funções de Paráclito, Ensinador e Testemunha; e a oração de Jesus pelos discípulos, no capítulo 17.

1. Cristo conforta os discípulos (14.1-15) – A promessa de enviar o Espírito Santo faz parte das palavras de consolação de Jesus ditas aos seus discípulos quando, no fim da última ceia, falou-lhes a respeito de sua partida para o Pai.

Com palavras de ternura e compaixão, ordenou aos seus discípulos que não tivessem medo: eles criam em Deus, e que confiassem, também, nele. Ele está indo preparar lugar para, depois, levar para junto de si os que creem nele. Essa promessa pode ser referência ao momento da morte de cada crente, ou pode ter o sentido escatológico-

co, de consumação do reino de Deus com sua volta. Jesus tranquilizou os discípulos quanto ao caminho para o lugar para onde iria partir, dizendo que ele mesmo é o caminho, a verdade e a vida. Basta crer nele e tudo está bem. Filipe interrompe, querendo ver o Pai, e Jesus explica que quem o vê está vendo o Pai. Sua união com o Pai é assegurada pelas obras que ele realizou. E os discípulos realizariam obras maiores, uma vez que lhes mandaria o Espírito Santo e, além disso, tinham o recurso da oração para pedirem ao Pai o que precisassem.

2. O Espírito Santo como Paráclito (14.16-18) – O Espírito Santo é chamado de Paráclito e de Espírito de Verdade. Paráclito é uma palavra grega que tem o sentido original de “alguém chamado para ficar ao lado de uma pessoa para ajudá-la de qualquer modo, para defendê-la em processos, como um amigo no tribunal”. No versículo 16, Jesus menciona outro Ajudador, o que nos dá a entender que os discípulos já tinham um, que só pode ser ele mesmo. Em 1João 2.1, Jesus é chamado de nosso “Paráclito junto ao Pai”, onde a palavra é traduzida apropriadamente por “advogado”. Jesus tinha sido o Paráclito dos discípulos aqui na terra. Ele tinha combatido por eles, ajudando-os. Eles puderam aprender com sua orientação e apoio; só que agora estava presenças a deixá-los. Mas, não os deixaria órfãos.

Mandaria outro Consolador (Ajudador) para estar nos discípulos. Não apenas com eles, mas neles e permanentemente.

3. O Espírito Santo como Ensinador (Jo 14.26-31) – Os discípulos poderiam contar com a presença do Espírito Santo para exercer uma função didática, educadora. Ele os capacitaria para se lembrarem dos ensinamentos de Jesus e os faria compreender tudo. Em outras palavras, o Espírito Santo lhes serviria de memória e expositor. Os escritores do Novo Testamento experimentaram essa atuação do Espírito Santo no dia-a-dia das igrejas. Quando havia necessidades específicas, ele ensinava e mostrava a vontade de Deus. É esta a convicção de Paulo, quando escreve a Primeira Carta aos Coríntios: “...os quais também falamos, não com palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas com palavras ensinadas pelo Espírito Santo, comparando coisas espirituais com espirituais” (1Co 2.13).

4. O Espírito Santo como Testemunha (15.1-27) – A promessa do Espírito Santo foi intercalada com um ensino precioso para os discípulos, para lhes restaurar a confiança, a segurança, a fé e a esperança. Jesus mostrou que nada nesta vida, nenhuma circunstância pode separar o seu discípulo da comunhão com ele, ao mesmo tempo deixa bem claro que o sucesso como obreiros cristãos dependia da união com ele. Para deixar isto bem claro, usou a figura da videira, tão conhecida de seus discípulos como moradores da Palestina. O ensino dos versículos 1 a 25 é sobre a comunhão com Cristo, que ele ilustrou com três figuras: a videira, o agricultor e os ramos da videira. Esta comunhão com Cristo é espiritual, é a união da vida divina com a vida humana, e é real e vital, não sendo um assunto de mera afiliação a alguma organização. É uma união mútua, porque devemos consentir em aceitar

essa união com ele; é uma união íntima. Não pode haver união mais estreita e íntima do que a união entre a videira e seus ramos.

Nos versículos 26 e 27 Jesus volta a fazer a promessa de enviar o Espírito Santo, o qual viria para dar testemunho dele. O testemunho que Jesus tinha dado, com suas palavras e suas obras, não cessaria quando ele não estivesse mais neste mundo. O Espírito Santo assumiria este ministério de testemunhar e o levaria adiante pela instrumentalidade dos discípulos. O cumprimento desta função está exemplificado em Atos 5.32, onde Pedro e seu companheiro, diante do sumo sacerdote e do conselho, proclamaram a ressurreição e a glorificação de Jesus: “Nós somos testemunhas destes fatos, e bem assim o Espírito Santo, que Deus outorgou aos que lhe obedecem”. O testemunho dos discípulos e do Espírito Santo é o mesmo. Ambos testemunham da obra salvadora de Jesus. Portanto, não pode haver dúvida, Jesus é de fato o Messias prometido de Deus. Testemunha é alguém que viu com os próprios olhos, e ouviu com os próprios ouvidos. Só tem validade para testemunhar quem presenciou os fatos. É esta função de testemunhar, que o Espírito Santo continuaria a exercer permanentemente, revela que Jesus é o único Salvador. Um significado mais amplo do testemunho do Espírito Santo é indicado em I João 5.6: “O Espírito é o que dá testemunho, porque o Espírito Santo é a verdade”.

APLICAÇÃO PARA A VIDA

O Espírito Santo prometido foi derramado no dia de Pentecostes (At 2) sobre a igreja, e de lá para cá todos os que se convertem a Jesus Cristo como Salvador o recebem no momento quando abrem o coração para Jesus. Vivemos, pensamos e agimos sob sua ajuda. Conscientes disto, santifiquemo-nos e sejamos corajosos em testemunhar de nossa fé.

As funções do Espírito Santo e a oração pelos discípulos

Texto bíblico:

João 16 e 17

Texto áureo:

João 16.8-11

A referência ao Espírito Santo nos dois capítulos estudados na lição anterior (14 e 15) evolui, no capítulo 16, para uma exposição mais ampla das funções do Espírito Santo, que são três. Depois de consolar os discípulos e prometer o Espírito Santo, Jesus orou por eles e pelos que haveriam de crer (cap. 17).

1. Convencer o mundo (16.7-11) – O verbo grego traduzido por convencer tem o sentido de trazer à luz, levar a uma convicção. O Espírito Santo leva os pecadores à convicção de três realidades: pecado, justiça e juízo.

1) Quanto ao pecado: o pecado consiste em não crer em Jesus como o Filho de Deus, e é isto que leva o pecador à condenação. Os pecadores não reconhecem seu estado de afastados de Deus e condenados (Rm 3.23) até que o Espírito Santo os convença disto. Somente ele pode fazer isto. Portanto, o Espírito Santo ajuda o pecador a ver que precisa se arrepender e crer. 2) Quanto à justiça: o Espírito Santo corrige a ideia errada de que a justiça não foi vista na cruz de Cristo. Os críticos da época criam que Jesus era injusto e merecedor de morrer; e que matar Jesus agradava a Deus. O Espírito Santo viria para levar os pecadores à convicção de que Jesus é a verdadeira

justiça que nos foi imputada, para sermos salvos; 3) Quanto ao juízo: o Espírito Santo é quem viria trazer luz ao fato de que o juízo de Deus é uma realidade cósmica. Ninguém pode cometer injustiças e ficar impune. Existe o juízo de Deus. O próprio Diabo, que é o príncipe deste mundo, está julgado pelo juízo de Deus. Os homens não podem fazer o mal e ficar por isso mesmo. Com este convencimento, o Espírito Santo desperta nos pecadores o desejo de buscar perdão para seus pecados. Dessas três maneiras o Espírito Santo confronta o mundo com a necessidade urgente de uma mudança radical em sua forma de viver e de se relacionar com Deus a partir de sua nova maneira de ver o pecado, a justiça e o juízo.

2. Guiar o crente (16.12-14) – Em relação aos convertidos, que formam a igreja de Cristo, a função do Espírito Santo é guiá-los em toda a verdade. Durante seu curto ministério, Jesus sabia que os discípulos não se apropriaram de toda a verdade, de todos os mistérios que ele procurou ensinar. Mas os discípulos não ficariam com verdades pela metade ou com uma compreensão superficial. O Espírito Santo os levaria a uma compreensão aprofundada e completa dos mistérios de Deus. Esta obra continua sendo

feita no meio da igreja de Cristo. O Senhor sabia que as sementes da verdade semeadas naqueles rudes corações germinariam sob orientação do Espírito Santo. Nenhum homem chega à compreensão e percepção das verdades eternas sem a ajuda do Consolador. É impossível alcançar o alvo maior de Deus para nossa vida sem ele. Nenhum obstáculo será demasiado alto, nenhuma carga demasiada pesada, nenhum problema demasiado grande, pois Deus, por meio do Espírito Santo, tem provido uma maneira segura de vitória para os crentes.

3. Glorificar a Jesus (16.14) – Glorificar é tornar visível a realidade majestática de Jesus. É celebrar, dignificar, exaltar. É o Espírito Santo quem torna Jesus Cristo entendido, visto em sua verdadeira natureza de poder e glória, como o Filho de Deus e nosso Redentor. E ele desempenha esta função ouvindo de Jesus e anunciando aos servos de Deus, permanentemente, os pensamentos, os sentimentos e a vontade de Deus manifestados em Jesus Cristo. Pela atuação do Espírito Santo, a pessoa de Jesus é cada vez mais engrandecida no seio da igreja; e cada vez mais se espalha pelo mundo, à medida que multiplicamos a obra missionária, anunciando o seu evangelho.

4. A oração de Jesus pelos discípulos (cap. 17) – Depois de prometer que mandaria o Espírito Santo e de ensinar sobre suas funções, Jesus concluiu seu discurso de consolação aos crentes, exortando-os a terem coragem e bom ânimo, dizendo: “No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo”.

Após a promessa do Espírito Santo e do encorajamento, os discípulos ouviram a mais profunda e íntima oração de Jesus em que ele reforçou, mais uma vez, a segurança da presença divina entre eles ao mesmo

tempo em que lhes dava uma tarefa especial. A oração tem três partes:

1) Oração por si mesmo: pediu ao Pai para ser glorificado. Embora sendo Deus, na encarnação, Jesus teve de experimentar a humilhação por levar sobre si a condenação de nosso pecado. Sua glorificação se daria na cruz e na sua ressurreição. A cruz era a passagem obrigatória para a glória da ressurreição e ascensão ao céu aprovado em sua obra de Redentor. Deus glorificou a Jesus ao lhe conceder a autoridade de poder morrer pelos pecados do mundo e proclamar a toda a humanidade a graciosa oferta de salvação da parte do Pai, ao mesmo tempo em que o Filho glorificaria o Pai.

2) Oração pelos discípulos: nesta parte, Jesus destaca três pontos principais: a) que Deus os guardasse; b) que Deus os conservasse em unidade, a fim de que pudessem mostrar de forma visível a mesma unidade que sempre existiu entre o Filho e o Pai; desavença na igreja é a mais perigosa arma contra o evangelho de Jesus; c) que os discípulos fossem santificados na verdade.

3) Oração pelos futuros discípulos (v. 20-24): isto é, por todos os que viriam a crer nele. Jesus pede para que eles, também, vivessem em unidade, assim como ele e o Pai são um em unidade, e que desenvolvessem a mesma missão de testemunho.

APLICAÇÕES PARA A VIDA

1. A obra de evangelização é feita pelos discípulos de Jesus, usados como instrumentos de Deus.

2. Há muitos modismos e falsificações do evangelho. A verdade é uma só: a que é ensinada pelo Espírito Santo.

3. Jesus orou por nós. Esta é uma verdade que, além de elevar a nossa autoestima, traz para nós segurança e alegria.

Sofrimento e morte de Jesus

Texto bíblico:

João 18 e 19

Texto áureo:

João 19.30

Estes dois capítulos poderiam ser considerados como o clímax do sofrimento de Jesus, pois nos lembram o sangue, o suor e as costelas vazadas pela lança do soldado romano, no Calvário. Os dois capítulos são os mais tristes mas, graças a Deus, eles não fecham a história. Passando aos capítulos 20 e 21 encontramos os relatos da vitória do Messias, pela sua ressurreição e subida para os céus. É com este sentimento de vitória que vamos estudar estes capítulos que marcaram para sempre a história da humanidade.

1. A prisão de Jesus no Getsêmane (18.1-12) – Após a ceia no cenáculo e o discurso de consolação aos discípulos feito pelo Senhor, em que prometeu a vinda do Espírito Santo, Jesus saiu com seus discípulos para enfrentar o inimigo. Entre a saída e a prisão, que se deu no Getsêmane, houve o episódio da oração em que o Senhor, angustiado, pediu ao Pai que passasse dele aquele cálice, narrado pelos outros Evangelhos (Mt 26.36-46; Lc 22.39-46; Mc 14.32-42). João narra os acontecimentos em cinco momentos: 1) Jesus foi para o horto deliberadamente porque tinha consciência de que sua hora tinha chegado. Era um lugar que ele frequentava normalmente quando ia a Jerusalém; Judas também conhecia o lugar e podia prever a ida de Jesus para lá; 2) O exagero de força para prender Jesus. Uma coorte romana tinha aproximadamente

600 soldados; além deles, foram alguns judeus, guardas do templo. Levavam lanternas, tochas e armas. Talvez pensassem que Jesus tivesse um exército para lutar por ele, daí o aparato; 3) Jesus manteve serenidade, e diante da soldadesca que se aproximou, perguntou a quem procuravam, e se apresentou: “Sou eu”. Então, os soldados caíram por terra (18.5). Alguma evidência da divindade de Jesus deve ter causado essa reação; 4) Jesus protegeu os discípulos, ordenando aos soldados: “Deixai ir estes”; 5) Pedro, impetuoso, deu um golpe de espada no primeiro que pôs as mãos em Jesus, e cortou-lhe uma orelha; mas Jesus o curou e repreendeu a Pedro. Então Jesus foi levado, sem nenhuma resistência.

2. O julgamento e Jesus (18.13-40) – O julgamento de Jesus ocorreu em duas esferas de poder: a esfera dos judeus (o poder religioso), e a esfera dos romanos (o poder político de dominação):

a) O julgamento judeu (18.13-27): Jesus foi conduzido primeiramente a Anás para um interrogatório preliminar. Anás não era mais o sumo sacerdote, mas conservava o título, e era sogro do atual, que se chamava Caifás. Anás o interrogou sobre seus discípulos e sobre sua doutrina. Jesus nada disse sobre os discípulos; e, sobre sua doutrina, declarou que todos eles haviam tido oportunidade de o ouvir publicamente e, por isso, não precisava responder. A

seguir, foi levado a Caifás. Foi nessa fase do julgamento que Pedro, apontado como um dos discípulos de Jesus, o negou três vezes, como Jesus predissera.

b) O julgamento dos romanos (18.28-40). Pilatos, o governador romano, interroga os acusadores de Jesus (v. 28-32) para ouvir formalmente as acusações dos líderes judeus. Entendendo que se tratava de alguma questão de transgressão de alguma lei judaica, alegou que eles é que o deviam julgar. Mas os judeus insistem e revelam sua intenção: queriam matar Jesus, e somente o governador romano tinha autoridade para sentenciá-lo à morte. Pilatos, então, interroga a Jesus. Indagado se era o rei dos judeus, Jesus respondeu que seu reino não é deste mundo. Pilatos não viu em Jesus uma ameaça para o poder romano. Por isso, perguntou duas vezes se ele se considerava rei. À pergunta de Pilatos sobre o que é a verdade, Jesus não respondeu. Pilatos concluiu que Jesus não representava perigo para a autoridade imperial. Por que, então, continuar com o julgamento?

c) A decisão do tribunal romano (v. 39-19.5). Pilatos, desejando continuar com sua popularidade, para agradar aos judeus, prosseguiu e, como era costume dar anistia a um prisioneiro no dia da Páscoa, transferiu a decisão para o próprio povo. Na fúria incontrolada, a multidão bradava para soltar o assaltante Barabás e matar Jesus. Feita essa hedionda troca, Jesus foi conduzido ao Calvário.

3. Os acontecimentos do Calvário (19.17-42) – 1) Pilatos mandou escrever em uma placa o título desdenhoso: “O rei dos judeus” para pregar na cruz. Sua intenção era, provavelmente, humilhar os judeus, aos quais ele desprezava, e ridicularizar a Jesus (v. 19-22). 2) A sorte lançada sobre a túnica (v. 23,24). As vestes dos condenados eram

dadas aos carrascos, geralmente em número de quatro. A túnica de Jesus era uma peça única, sem costura e, para não a estragar, lançaram sorte sobre ela, cumprindo, assim, uma profecia contida no Salmo 22.18. 3) O cuidado de Jesus com Maria (v. 25-27). Demonstrando seu amor e zelo filiais, em meio ao sofrimento, a entregou aos cuidados do discípulo João. 4) Jesus sentiu sede (v. 28,29) e lhe deram vinagre, o que cumpriu a escritura do Salmo 69.21. 5) “Está consumado” (v. 30). Estas foram as últimas palavras de Jesus. Elas mostram que Jesus completou, de uma vez para sempre, tudo o que o Pai lhe havia ordenado e que fora previsto pelos profetas. Ali estava o Messias de Deus dando a vida pelos pecadores e cumprindo toda a justiça de Deus. O capítulo 19 termina com o sepultamento de Jesus.

APLICAÇÕES PARA A VIDA

1. A crucificação de Jesus Cristo nos oferece o modelo divino de sacrifício e renúncia. Muitas vezes, seremos convocados a deixar de lado nosso eu, nossa situação confortável para realizar a vontade de Deus.

2. Como crentes, somos desafiados pelo amor de Deus demonstrado na cruz do Calvário, a sermos fiéis a ele custe o que custar.

3. Jesus é o rei eterno. O império romano com todo o seu poder passou. Mas o reino instaurado por Jesus permanece. Nós somos súditos do seu reino, pois ele ofereceu a vida para nos resgatar do pecado e da morte. Precisamos divulgar seu evangelho por todo o mundo.

4. A morte de Jesus abriu o caminho para o céu. Na Carta aos Hebreus lemos que ele abriu com sua carne (sua morte na cruz) um novo e vivo caminho para o trono de sua majestade pelo qual somos exortados a entrar corajosamente (Hb 10.20).

Ressurreição e vida

Texto bíblico:

João 20 e 21

Texto áureo:

João 20.27

A ressurreição de Jesus é o fato de maior significação na história da redenção. O apóstolo Paulo, escrevendo a respeito da ressurreição, chegou a dizer: “Se Cristo não ressuscitou é vã a vossa fé” (1Co 15.17-19). Sim, porque a ressurreição é a corroboração de todo o evangelho de Jesus, é a confirmação de sua natureza divina, de ser ele o Filho de Deus, de ter ele vencido a morte, e de serem verdadeiros os seus ensinamentos e verdadeiras as suas promessas. Ele foi declarado ser, realmente o Filho de Deus, pela sua ressurreição, conforme Romanos 1.1-4.

1. O túmulo vazio (20.1-10) – Jesus morreu numa sexta-feira à tarde, no dia da celebração da Páscoa. Ele se ofereceu como o Cordeiro de Deus, como a “nossa páscoa” (1Co 5.7). E, no primeiro dia da semana, de madrugada, Maria Madalena foi ao sepulcro, e viu a pedra da porta retirada. Era comum, na Palestina, haver pilhagem de sepulcros, que eram escavados em barrancos de rochas formando pequenos quartos, acima do solo, com a entrada coberta por uma pedra. Ela foi correndo avisar aos discípulos que haviam levado o corpo de Jesus, e estes a acompanharam, e viram o túmulo vazio.

2. Jesus aparece a Maria Madalena (20.11-17) – Ela foi a primeira testemunha da ressurreição de Cristo. Desolada, ficara ali chorando, quando os discípulos se retiraram, e viu dentro do sepulcro dois anjos, que lhe

perguntaram por que estava chorando. E, ao lhes responder, ela olhou para trás e divisou um vulto em pé, que ela pensou ser o jardineiro. Pela tristeza, seus olhos cheios de lágrimas estavam impedidos de reconhecer Jesus, como mais tarde aconteceria aos dois discípulos que caminhavam para Emaús (Lc 24.13-35). Ela só conseguiu identificá-lo, quando ele a chamou pelo nome: “Maria!” e ela gritou: “Raboni!”, palavra hebraica geralmente usada para referir-se a Deus, aumentativo de Rabi (Mestre). Então, Jesus lhe ordenou que fosse anunciar aos outros.

3. Jesus aparece aos discípulos (20.18-23) – Os discípulos haviam se reunido e, com medo dos judeus, mantinham a porta fechada.

Foi nessa situação que o Senhor os encontrou na tarde do mesmo dia, que era o primeiro dia da semana. Simplesmente apareceu no meio deles e lhes mostrou suas mãos com as marcas dos cravos para que não tivessem dúvidas de que era ele mesmo, o Cristo histórico que vivera com eles, e agora não mais como o Deus encarnado, mas como o Senhor, soberano sobre a vida e a morte. Em meio à sua imensa alegria, Jesus lhes deu a paz, soprou-lhes o Espírito Santo e lhes deu a missão de serem testemunhas de tudo o que tinham visto e ouvido.

4. Jesus aparece novamente, com Tomé presente (20.24-31) – Tomé era de tempe-

ramento triste e pessimista (11.8, 16; 14.5), deixou-se abalar com a tragédia do Calvário. Sua fé estava enfraquecida mas, mesmo assim, continuava fiel e não abandonara o convívio com o grupo de apóstolos. Somente não estivera presente no primeiro dia da semana anterior, quando Jesus aparecera, por motivo desconhecido. Ele ouviu o testemunho dos demais e retrucou que se não visse os sinais dos cravos e não metesse a mão no seu lado que fora perfurado com uma lança, de maneira alguma creria. Geralmente, Tomé é criticado por ter se recusado a crer no testemunho de seus companheiros de discipulado. Mas, em verdade, o fato de existir, entre os discípulos, um que exigia provas do que os outros diziam, se constituiu em fortalecimento na convicção de que de fato Jesus ressuscitou. Ao ver Jesus, Tomé se prostrou e exclamou: “Senhor meu, e Deus meu.” É isto o de que precisamos: fé no Cristo ressuscitado.

Os versículos 30 e 31, aparentemente, são o epílogo do livro de João, mas não são. Ele ainda vai acrescentar o encontro de Jesus com os discípulos na praia do Mar de Tiberíades (o mesmo Mar da Galileia). Estes versículos são apenas o seu comentário à exortação de Jesus a Tomé, quando disse: “Bem-aventurados os que não viram e creiram”. João termina declarando qual o propósito que inspira a obra (v. 31), a saber, o de trazer o leitor, embora entre aqueles que “não viram” a fé em Cristo” (A. J. Macleod, in: O Novo Comentário da Bíblia, Ed Vida Nova, p.1098).

5. Jesus aparece a sete discípulos junto ao Mar de Tiberíades (21.1-23) – Pelo versículo 14, ficamos sabendo que esta foi a terceira vez que Jesus apareceu aos discípulos depois de ressuscitar. Ao que parece, os discípulos estavam voltando às suas atividades normais, como se nada mais tives-

sem que fazer posto que Jesus continuava a conviver com eles. Era como se aguardassem dele alguma nova orientação. João narra os seguintes detalhes desse encontro: 1) A pescaria infrutífera seguida da maravilhosa (v. 1-7): Pedro, como líder, chama os outros e diz “vou pescar”. Jesus aparece aos discípulos, mas estes não o reconheceram, à distância de que estavam, nem mesmo quando Jesus os orientou a lançarem a rede em outro lugar. Quando, porém, aconteceu o milagre da pesca de 153 peixes, o discípulo amado (João) o reconheceu e gritou ser o Senhor. Pedro se jogou ao mar e nadou para a praia enquanto os outros continuaram levando o barco para a praia, distante uns 100 metros. 2) Uma refeição na praia (v. 9-13): Ao chegarem à praia, encontraram uma refeição preparada por Jesus, e este os convidou, numa demonstração de zelo para com os discípulos. 3) A restauração de Pedro (v. 15-23): Jesus submeteu Pedro ao teste do amor naquela praia. Pedro teve oportunidade de restaurar-se de sua traição ao confessar seu amor por Jesus, e este o restaurou em seu ministério para continuar, com os outros, a espalhar o evangelho. Jesus queria que os discípulos continuassem a obra iniciada. Não poderiam parar. 4) Jesus incumbiu Pedro de o seguir para alguma tarefa e falou a respeito de seu futuro, e o repreendeu por que queria saber a respeito do que seria de João. 5) O encerramento do livro de João está nos dois últimos versículos: João mesmo testificou de si, em nome dos demais, que seu testemunho, como escritor desse Evangelho, era verdadeiro (1Jo 1.1-3).

APLICAÇÃO PARA A VIDA

Não vemos, mas cremos. Jesus nos pergunta, a cada um de nós: “Amas-me?” Se realmente o amamos, continuemos sua obra.

Radical

Voluntários sem fronteiras

O que é?

Com a finalidade de contribuir para que uma oportunidade se transforme em realidade, a JMM pensou em uma estratégia diferenciada de fazer missões, implantando em 2003 o Projeto Radical África. Trata-se de um novo paradigma missionário, que tem como objetivo enviar jovens evangélicos para atuarem em diferentes regiões do mundo, especialmente entre os povos não-alcanceados, sinalizando o reino de Deus por meio da proclamação e do serviço em favor da vida e da promoção da dignidade do homem, conforme os padrões estabelecidos por Deus.

Inicialmente, o objetivo era trabalhar com as comunidades com os mais baixos IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) segundo a ONU e que estão situadas no Norte da África. No entanto, o aumento crescente de candidatos e convites de parcerias para implantar o projeto em outras regiões e contextos, nos levou a ampliar o programa para outros continentes e a rebatizá-lo com o nome “Voluntários Sem Fronteiras”. Com isso, contabilizamos mais de 100 jovens distribuídos entre as quatro equipes do Radical África (6 enviadas e uma em treinamento), 3 turmas do Radical Luso-Africano e 4 do Radical Latino-Americano.

Visão

O Projeto Radical – Voluntários Sem Fronteiras visa exercer o papel de agente propulsor de um grande despertar e de treinamento da juventude evangélica batista para o trabalho missionário, para viver e anunciar o evangelho de Jesus Cristo, de tal forma que suas vidas e ministérios sejam a real tradução das palavras de despedida do apóstolo Paulo aos líderes de Éfeso: “Em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus” (Atos 20.24).

Missão

Capacitar o jovem vocacionado para anunciar o evangelho de Jesus Cristo por meio da proclamação e do serviço em defesa da vida e da promoção da dignidade do homem, conforme missão anunciada em Isaías 61:

“O Senhor Eterno me deu o seu Espírito, pois ele me escolheu para levar boas notícias aos pobres. Ele me enviou para animar os aflitos, para anunciar a libertação aos escravos e a liberdade para os que estão na

prisão. Ele me enviou para anunciar que chegou o tempo...Ele me enviou para consolar os que choram, para dar aos que choram em Sião uma coroa de alegria, em vez de tristeza, um perfume de felicidade em vez de lágrimas, e roupas de festa em vez de luto.”

Conceito

O conceito do projeto é formar e enviar o “missionário mochileiro”, em grupo, para causar impacto nas comunidades

locais, interagindo com os nacionais, por meio de suas vidas transformadas e moldadas conforme o caráter de Cristo.

Quanto à denominação de “Voluntários Sem Fronteiras” com que passamos a chamar o jovem enviado ao campo missionário, trabalhamos com o conceito utilizado pelo voluntariado internacional e que, por sua vez, se aproxima da definição de voluntário proposta por Aurélio Buarque de Holanda, que o descreve como sendo um sujeito de “vontades” e “espontâneo”.

Perfil do candidato

- Ser crente, cujo caráter demonstre comprometimento com o Senhor Jesus Cristo;
- Ser vocacionado para trabalhar entre povos não-alcançados;
- Ser membro atuante de uma mesma igreja batista por, no mínimo, três anos;
- Estar envolvido com evangelismo pessoal e discipulado;
- Ser solteiro(a), com idade entre 18 a 30 anos e ter no mínimo o Ensino Médio completo;
 - Estar disposto a ter um estilo de vida radicalmente diferente, vivendo sem dinheiro próprio e, sim, de um fundo comum, e depender inteiramente da provisão divina;
 - Zelar e promover o bem do grupo, realizando todo trabalho em equipe;
 - Ser humilde, aceitando exortações com espírito alegre;
 - Estar pronto a ser um aprendiz;
 - Ser flexível e capaz de suportar pressões e aceitar circunstâncias adversas;
 - Estar disposto a fazer qualquer tipo de serviço com alegria e ações de graças;
 - Ser submisso à liderança;
 - Estar determinado a assumir um compromisso de, pelo menos, quatro anos;
 - Ser saudável física, mental e psicologicamente, comprovado mediante exames e avaliações.
- Estar em dia com todos os compromissos em seu nome.

Divisão de Crescimento Cristão

Este trimestre tem várias ênfases especiais: 1) Paixão e ressurreição de Cristo (estudos para 6 e 13 de abril); 2) Dia da EBD (quarto domingo de abril); 3) Dia das Mães (segundo domingo de maio), além dos estudos a respeito da família, sobre o Pentecostes, que ocorreu 50 dias depois da ressurreição de Jesus e o assunto escatológico, que é a volta de Jesus Cristo (estudo 13).

Além destas ênfases contempladas com estudos para as Uniões de adultos, lembramos que várias datas nacionais ocorrem neste trimestre, como morte de Tiradentes (21 de abril), Dia do Trabalhador (1 de maio) e Dia dos Namorados (12 de junho). Todas estas datas poderão ser usadas pelas Uniões para atividades especiais, visando ao crescimento, edificação, confraternização, lazer e ação social. O importante é que as diretorias das Uniões planejem com antecedência um projeto de atividades úteis para as Uniões de adultos. Sugerimos as seguintes atividades:

1. Campanha de matrícula e divulgação da Escola Bíblica Dominical – Este esforço poderá ocorrer no último fim de semana de abril, quando se comemora o Dia da Escola Bíblica Dominical. Todos os unionistas, com o apoio da direção da EBD da igreja, deverão participar. Sendo possível, preparar fichas em que um lado se divulgue a EBD, seus horários e atividades e no verso uma ficha de inscrição para quem desejar tornar-se aluno da Escola Bíblica Dominical. Este esforço pode abranger os membros da igreja nos intervalos dos cultos, anúncios nos cultos, a vizinhança da igreja e amigos e familiares não-crentes de membros da igreja.

2. Passeio das famílias – Este evento deverá ter como objetivo o lazer das famílias da igreja. Deve ser escolhido um local aprazível, como chácara, sítio, fazenda, acampamento de fácil acesso para todos. Havendo possibilidade, alugar um ônibus para que a maioria possa participar, especialmente, aqueles que quase sempre não conseguem participar.

As atividades de lazer e esportivas deverão ser realizadas para bem-estar e, por isso, não devem ter horários e programas rígidos, pois, às vezes, isso causa estresse nas pessoas. Todos deverão compartilhar da comida que levarem a fim de que haja maior confraternização entre todos. Cada igreja conhece melhor seus membros. Por isso, as atividades específicas que mais agradam a comunidade deverão ser realizadas. Esse passeio pode ser realizado no último sábado de maio.

**Os estudos da Divisão de Crescimento Cristão
abrangem os seguintes temas e enfoques:**

DCC 1 – Ressurreição: Celebração da vitória	36
DCC 2 – A igreja de Cristo e o consumismo	37
DCC 3 – Capacidade para ensinar a Bíblia	38
DCC 4 – Como ensinar a Bíblia	39
DCC 5 – Casamento saudável: Construção permanente (I)..	40
DCC 6 – Casamento saudável: Construção permanente (II)..	41
DCC 7 – Capacitação da família (I)	42
DCC 8 – Capacitação da família (II)	43
DCC 9 – Família e cidadania	44
DCC 10 – Igreja: Sua identidade e missão (I)	45
DCC 11 – Igreja: Sua identidade e missão (II)	46
DCC 12 – A volta gloriosa de Jesus	47
DCC 13 – Lições de Deus	48

Esperamos que estes estudos possibilitem o melhor engajamento na obra de Deus e, também, a melhoria da vida devocional de cada crente.

Ressurreição: celebração da vitória

Clemir Fernandes Silva

Após ser julgado e condenado, Jesus teve que caminhar para o Gólgota, um monte que ficava fora dos muros de Jerusalém, carregando a sua cruz. Lá, ele enfrentou a dor dos cravos em seus pés e nos pulsos, o sol causticante e as zombarias de que foi objeto. Ao final da sexta-feira, constatou que Jesus falecera, com o consentimento de Pilatos, José de Arimateia fez o sepultamento de seu corpo num túmulo de rocha, observado de longe por algumas mulheres.

1. Da tristeza para a alegria – Deus não se deixa escarnecer. A alegria de seu povo havia de ser restaurada e a vitória de Cristo celebrada (Mt 28.1-10). A tristeza da morte de Jesus e de seu sepultamento foi substituída pela alegria da notícia que correu entre os discípulos: Jesus ressuscitou. Nenhuma das datas do calendário cristão como Natal, Pentecostes, Reforma Protestante se assemelha ao fato singular que é celebrado na data da ressurreição de Cristo. A ressurreição do Senhor é a data magna da igreja de Cristo. Foi a partir da ressurreição que a igreja passou a celebrar seus cultos no primeiro dia semana.

Os versículos 1 e 2 de Mateus 28 dizem que “após o sábado, ao raiar do primeiro dia da semana houve um grande terremoto e um anjo do Senhor desceu do céu e removeu a pedra do sepulcro”. O anjo, que as mulheres viram no sepulcro, lhes disse: “Não tenhais

medo; pois eu sei que buscais a Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui porque já ressuscitou” (28.5,6). Os discípulos foram notificados, foram lá e viram o túmulo vazio, mas a verdade da ressurreição só se confirmou quando, estando reunidos no primeiro dia da semana, Jesus apareceu entre eles e os saudou.

2. Ele não está aqui. Jesus ressuscitou –

Nestas simples palavras encontramos a maior de todas as mensagens já proferidas por qualquer pessoa. Toda a fé dos cristãos está fundamentada no significado destas palavras. Por isso mesmo o cristianismo é uma religião diferente, superior, pois todos os líderes de outras religiões morreram e seus restos mortais permaneceram sepultados. Pode-se afirmar que Buda está na sepultura, assim como Confúcio, Maomé. Jesus Cristo é o único que após morrer, ressuscitou e está assentado à direita de Deus intercedendo por todos quantos o buscaram em espírito e em verdade. Hoje, não estamos como aqueles discípulos que caminhavam para Emaús, depois que Jesus morreu. Não. Caminhamos de cabeça erguida, com um sorriso na face e um cântico de vitória nos lábios. Nossa esperança está viva e atuante. Esperança que é segurança, certeza, Jesus Cristo.

Conclusão – Vivamos sempre nos lembrando de que servimos ao Cristo vivo, eternamente vivo.

A igreja de Cristo e o consumismo

Oliver Costa Goiano

O consumismo tem sido uma das marcas, talvez a maior delas, da sociedade contemporânea, e influencia também as famílias cristãs e as igrejas. Os meios de comunicação se encarregam de transmitir esta mensagem satânica do apelo ao consumismo da maneira mais explícita e desimpedida possível. O consumismo tem influenciado as igrejas, que podem estar se esquecendo das palavras de Jesus: “Ninguém pode servir a dois senhores... Não podeis servir a Deus e às riquezas” (Mt 6.24). É preciso refletir biblicamente para combater o consumismo. O texto de Hebreus 13.5,6 ensina como combatê-lo.

1. Precisamos ser livres do amor ao dinheiro – O autor da Carta aos Hebreus inicia o versículo 5 orientando os crentes sobre o desapego aos bens materiais e mais, explicitamente, ao dinheiro. O amor ao dinheiro se chama avareza. Por isso, é que outra versão registra: “Sejam, vossos costumes sem avareza”. A primeira atitude do crente para vencer o consumismo é o desapego ao dinheiro. Desapegar-se do dinheiro não é deixar de trabalhar para ganhá-lo, porque ele é necessário para a satisfação das necessidades da vida humana. Desapegar-se do dinheiro é não ser dominado por ele.

Em Gênesis 1.25, lê-se que o homem foi criado para dominar sobre todas as

coisas. Entretanto, o que se vê é que os homens, incluindo muitos crentes, em vez de dominar, são dominados pelas coisas.

As pessoas dominadas pelo dinheiro são facilmente reconhecidas. São aquelas que para se sentirem bem precisam fazer compras constantemente e, por isso, se envolvem em problemas de cheques especiais e cartões de crédito. O pecado não está no dinheiro, mas na má administração dele. Esse era o problema do moço de qualidade; ele não dominava o dinheiro, porém, o dinheiro o dominava, o dinheiro era o deus dele (Mt 19.16-24). Quantos crentes sofrem deste mal? As igrejas estão cheias de crentes humildes, que moram em casas humildes e em lugares humildes. Todavia, o que surpreende é o que existe de aparelhos eletrônicos na casa desses crentes. Há crentes que investem mais nesses aparelhos do que em comida e saúde.

2. É preciso disciplina, para não se gastar mais do que se ganha – Adquirir bens é bom, porém, deve acontecer dentro de um planejamento financeiro. Por isso, gaste somente o que ganha.

Conclusão – Não seja dominado pelo dinheiro. Compre somente o necessário. Não gaste mais do que você ganha. Paulo já dizia: “O amor ao dinheiro é a raiz de todos os males” (1Tm 6.10).

Capacidade para ensinar a Bíblia

Jairo Lucas Calixto de Oliveira

Neste domingo e no próximo estaremos estudando sobre o ensino da Bíblia. Nestes dois estudos buscaremos apontar o que é ensinar a Bíblia, a relevância da Bíblia e como devemos ensinar a Bíblia.

1. O que é ensinar a Bíblia – Todo aquele que pretende ajudar outras pessoas a conhecerem a Bíblia terá que recorrer, conscientemente ou não, a certas técnicas pedagógicas. Não é possível ensinar o que quer que seja sem que se faça uso da pedagogia. Aquele que ensina, primeiro precisa compreender a essência e o significado daquilo que vai ensinar. A função de um professor é muito mais do que ajudar a decorar. A preocupação fundamental do educador cristão não deve ser a quantidade de versículos que o seu aluno já conseguiu memorizar nem a habilidade com a qual ele pode manusear sua Bíblia. Ainda que estas coisas tenham a sua importância, elas não são essenciais.

Engana-se, igualmente, quem pensa que ensinar é simplesmente transmitir conhecimentos. Para ser eficiente, o processo de ensino-aprendizagem precisa ser mais do que a mera transferência de informações. Isto deforma o aluno à medida que tende a fazer dele um mero repetidor de conceitos.

A educação cristã deve ser concebida como uma atividade provocativa. Em vez de ajudar a pessoa a decorar conceitos ou versículos ou simplesmente transmitir informações,

o professor precisa estimular seus alunos a criarem as condições para tornar a Bíblia relevante para suas vidas.

2. A relevância da Bíblia – Nós atribuímos valor às coisas com as quais mantemos afinidade; aquelas coisas que de alguma maneira despertam o nosso desejo ou respondem às nossas necessidades. Para que a Bíblia seja relevante para alguém é necessário que tal pessoa tenha o seu desejo voltado para a Bíblia. Essa pessoa precisa descobrir que a Bíblia tem respostas válidas para as suas necessidades, pois isto é que despertará o seu desejo de conhecer as Escrituras. Isto não é decorrente de um decreto, nem da força do hábito de ler, nem da possibilidade de repetição de versículos decorados.

O professor é a pessoa que pode despertar em seus alunos o desejo de se aproximarem cada vez mais da Bíblia e de sentirem necessidade de se apropriar de seus ensinamentos. Mas o professor, se não for capacitado e habilidoso em sua tarefa, poderá provocar justamente o efeito contrário. Pode ocorrer que o aluno se distancie da Bíblia em virtude de não conseguir perceber sua veracidade e a importância de seu conteúdo para sua vida, porque tal conteúdo lhe foi apresentado sem confiança e de modo confuso e contraditório. O professor precisa, portanto, manifestar sua fé em que a Bíblia é, realmente, a Palavra de Deus.

Como ensinar a Bíblia

Jairo Lucas Calixto de Oliveira

Não há uma receita infalível para que o ensino da Bíblia seja um sucesso, mas há alguns princípios que não podem ser esquecidos pelo professor que deseja ensinar a Bíblia com eficiência. Eis alguns.

1. Ampliar seu conhecimento – Além da leitura da Bíblia e da oração que são, evidentemente, fundamentais, o professor que deseja ser eficiente em seu trabalho cristão de ensinar precisa ampliar seus conhecimentos gerais.

Um bom professor da Bíblia é alguém capaz de ler o texto, entender o que ele está dizendo e encontrar o sentido do que lê na Bíblia para o tempo em que estamos vivendo, ou seja, não há ensino da Bíblia sem interpretação do texto bíblico. Ocorre que, para conseguir uma boa interpretação, o professor precisa conhecer bem dois mundos: o mundo em que a Bíblia foi escrita, para ter certeza de entender o que o escritor bíblico queria dizer quando escreveu. Precisa, também, conhecer o mundo de hoje, para ser capaz de fazer com que o texto atenda às necessidades de seus alunos.

2. O mundo bíblico – Para conhecer o mundo, da Bíblia, é preciso recorrer a livros apropriados como livros sobre arqueologia bíblica, geografia bíblica, história bíblica, sociologia bíblica, mapas bíblicos e comentários bíblicos. O professor precisa manter permanente curiosidade em relação à Bíblia e aos assuntos a ela relaciona-

dos. O professor não pode ter preguiça de aprender e nem deixar de pesquisar.

3. O mundo de hoje – Para que saibamos identificar os problemas de nosso tempo, para os quais buscamos respostas na Bíblia, o professor não pode deixar de ler jornais e revistas e de procurar obter informações pelos outros modernos meios de comunicação, como televisão, rádio e internet. Conhecendo o mundo, sabendo quais as suas características, tendências, problemas, angústias e perigos, o professor estará melhor preparado para ir direto aos problemas e ajudar os alunos a encontrarem as melhores respostas para suas vidas.

4. É preciso ouvir os alunos – O professor da Palavra de Deus, além de estudar assuntos pertinentes à Bíblia e assuntos pertinentes às características do mundo de hoje, com seus grandes problemas, angústias, perigos e tentações, precisa dialogar com os alunos. Precisa ouvi-los porque somente assim poderá saber o que se passa em seus corações e quais as suas reais dificuldades.

Conclusão – O professor, que deseja ser eficiente, precisa estudar; precisa ler livros sobre a Bíblia que o ajudem a entender os textos; precisa estar em dia com as notícias de seu país e do mundo; precisa conhecer seus alunos. Tudo isto, além da leitura constante da Bíblia. Há de orar sem cessar e há de, constantemente, estudar.

Casamento saudável Construção permanente (I)

Remy Damasceno Lopes

Quem nunca sonhou em viver um grande amor, em casar-se com uma pessoa amiga e de viver uma vida conjugal alegre, de ter um relacionamento feliz? Acontece que no momento de se tentar essa felicidade, esbarra-se com uma realidade diferente do sonho. Quando você pensa no casamento, estabelece padrões ideais?

1. O que é ideal pode ser destrutivo – Nós somos pessoas com características próprias, possuímos aspectos agradáveis e desagradáveis e, como Paulo, enfrentamos inclinações da carne (Rm 7.7-25). Temos dificuldade em ser fiéis a Deus e de manter um relacionamento conforme os propósitos ideais estabelecidos no sonho. Essa realidade é vivida por ambas as pessoas que se casam. Por isso, exigir um relacionamento ideal é ilógico e incoerente.

Há pessoas que criam normas sobre como deve ser o casal, que estabelecem metas e regras a serem cumpridas e nutrem esperança de verem todos seus desejos satisfeitos. E, com esta maneira de pensar, fazem comparações: mulheres reclamam que o marido não é atencioso com as questões domésticas como era seu pai; maridos reclamam que esposas não lhe dão atenção, como fazia sua mãe etc. Vive-se, às vezes, como se houvesse obrigação de cumprir percursos ou modelos preestabelecidos a direcionar a vida. Podemos extrair da Bíblia preceitos gerais como amor conjugal, fidelidade, compromisso, respeito às necessi-

dades sexuais etc., mas não regras específicas de comportamento. A frustração e a crise são consequências inevitáveis, pois não há como encaixar modelos em realidades distintas.

Não há como construir um casamento saudável sem romper com os ideais alimentados com carinho, mas sem nenhuma coerência, fundamentados, muitas vezes, em noções infantis, sem vinculação com a Bíblia ou com a realidade da vida. Não é fácil abandonar sonhos, nem romper com modelos.

2. Casamento não é solução de problemas – Não é tão difícil encontrar pessoas que depositam no casamento a possibilidade de realização de um viver pleno. Torna-se a libertação de um lar problemático, a possibilidade de se experimentar um amor romântico ideal, provar que há possibilidade de se construir um casamento melhor que o de outros.

Deposita-se uma expectativa excessiva sobre os benefícios que uma relação conjugal pode propiciar, como se a vida repetisse os contos de fada onde o final entre os casais é a felicidade para sempre. O sonho de viver longe de problemas. A alegria de viver em paz, em amor, não é o cômico que dá; é fruto do Espírito (Gl 5.22,23). Esta é uma mudança pessoal. Exigir ou alimentar a esperança de que seu esposo ou sua esposa consiga suprir suas carências pessoais é tolice. Só você, em sua relação com Deus, é quem pode fazer isto.

Casamento saudável

Construção permanente (II)

Remy Damasceno Lopes

Continuamos nossas considerações sobre este assunto, iniciadas no domingo anterior. Imaginar que o casamento há de ser um conto de fadas e estabelecer ideais inalcançáveis podem ser entraves na construção do casamento saudável; também pensar que o casamento será a solução de problemas pessoais é outro equívoco, portanto, outro entrave.

1. Há sonhos legítimos que não se realizam – Há sonhos plenamente legítimos que não se realizam. São sonhos que não resultam de invejas, expectativas incoerentes, imposição de modelos mas, a despeito de serem legítimos, podem não se realizar. Há casais que sofrem por serem estéreis, porque não possuem um razoável padrão social e financeiro, por terem de morar na casa de familiares, por precisarem viver muito tempo um afastado do outro, por motivo de emprego etc. A vida tem várias tristezas. Deus nos avisa sobre isto em João 16.33. É claro que Deus pode dar uma reviravolta completa e solucionar essas dificuldades, mas nem sempre ele o faz. Em sua soberania, amor e sabedoria, o Senhor, muitas vezes, decide contrariamente ao que desejamos. Alimentamos a esperança de que seremos salvos da consequência do pecado não somente com respeito à salvação eterna mas, também, da vida cotidiana aqui e agora. Não há por que pensar que num país com milhões

de pessoas em estado de pobreza extrema e de doenças nós não possamos ser atingidos por problemas. Temos que olhar os fatos com serenidade e realismo, entregando-nos ao amor soberano de Deus. Devemos nos esforçar para superar os problemas, mas temos que encarar que, mesmo nossos sonhos sendo legítimos, podem não ser realizados.

2. Necessidade do diálogo – O reconhecimento de que somos pessoas que possuem sonhos, desejos e incoerências, bem como nossos cônjuges, é fundamental para o estabelecimento de um casamento saudável. Não precisamos ter vergonha de sermos falhos, ainda mais diante da pessoa que amamos. Faz-se necessário conversar e até mesmo discutir sobre as exigências que fazemos um ao outro e como está sendo conduzido o casamento. Se não houver diálogo, cada um procurará conduzir o casamento na direção que mais lhe aprouver, e isto sempre será ruim.

Temos que reconhecer a dificuldade de enfrentar nossos problemas conjugais de expor nossas fraquezas e desejos. Quase nunca perguntamos ao outro se gosta do que fazemos e se está satisfeito ou não com algum aspecto do casamento, mas este é o único caminho para construção de um casamento saudável. Só assim o casamento pode proporcionar a felicidade, na dependência de Deus.

Capacitação da família (I)

Isabelle Ludovico da Silva

Texto extraído da revista *Ultimato* pela Redação da revista *Compromisso*

A família é o principal contexto de aprendizagem, pois é nela que os valores e modelos são assimilados desde a mais tenra infância. É um sistema interacional provido de uma estrutura hierarquicamente organizada, com o fim de assegurar a continuidade e o crescimento de seus membros. Por isso, a família precisa encontrar o equilíbrio entre duas funções, aparentemente, contraditórias, a de manter a família unida e a de promover sua evolução. Daí a necessidade da capacitação da família.

1. Ambiente fundamental de construção da felicidade – Para se desenvolver de forma saudável, a pessoa precisa de cuidados especiais. A função materna, assumida pela mãe biológica ou por uma figura substituta, inclusive o pai, se inicia com a construção de um vínculo afetivo que permite à pessoa se sentir acolhida e parte integrante da família. Maternidade diz respeito também à capacidade de nutrição física e emocional, bem como à organização das necessidades básicas. A função paterna, por sua vez, garante limite, proteção e direção. O casal, ainda, transmite à criança padrões de relacionamento quanto à sexualidade, afetividade e companheirismo. Por meio dessa herança, o ser humano vai construindo sua identidade e aprende a se relacionar. As falhas e ambiguidades no desempenho das funções materna e paterna e de casal geram carências que precisam ser supridas.

2. Identificando possíveis problemas –

As relações se desenvolvem dentro de regras que determinam a maneira de agir de seus membros e o papel de cada um. A família se adapta às mudanças internas e externas, de acordo com os padrões de interação desenvolvidos até então. Se estes modelos de relacionamentos forem inadequados para lidar com o desafio presente, a família entra em crise, que é facilmente identificada por um sintoma condensado num de seus membros. O sintoma tem a dupla função de denunciar o problema e manter a situação.

Trata-se de um distúrbio emocional ou comportamental que precisa ser compreendido como resultado de uma disfunção da família como um todo. O grande equívoco da família é focalizar o sintoma como sendo a causa de seu mal-estar, em vez de perceber que é apenas a consequência de uma crise do sistema familiar. Tentar eliminar o sintoma sem enxergar suas raízes não resolve o impasse, apenas contribui para estigmatizar o membro afetado mais diretamente, que se torna a lata de lixo ou o bode expiatório da família. A terapia familiar sistêmica o chama de “paciente identificado”, pois ele se torna porta-voz e depositário da patologia da família. Quando os problemas não são verbalizados e encarados, a família tende a parar de crescer. Ela não percebe que esta crise é, justamente, a oportunidade de aprimorar as relações entre os seus membros e promover o crescimento de cada um deles.

Capacitação da família (II)

Isabelle Ludovico da Silva

Texto extraído da revista *Ultimato* pela Redação da revista *Compromisso*

No domingo passado estudamos dois aspectos deste assunto: 1) a família como o ambiente fundamental de construção da felicidade, destacando as funções da maternidade e paternidade como responsáveis pela construção da identidade e aprendizagem dos filhos; 2) a necessidade de identificar os possíveis problemas que podem afetar as regras que determinam a maneira de agir dos membros da família, como oportunidade de aprimorar as relações entre os seus membros e promover o crescimento de cada um deles. Agora, damos continuação a tão relevante assunto para as famílias cristãs.

1. Novas identidades familiares – Além das crises decorrentes do ciclo evolutivo, os papéis tradicionais de homem e mulher estão sendo questionados com grandes repercussões para o exercício da paternidade e da maternidade. Sustentar a casa já não é exclusividade do homem nem educar os filhos, da mulher. Ambos estão compartilhando essas responsabilidades como um novo desafio, no qual os pontos de atrito são multiplicados até encontrarem um equilíbrio específico e válido apenas para o momento presente. Se as mulheres conquistaram novos espaços, os homens muitas vezes se sentem acuados e fragilizados. Então, eles se isolam e se omitem, deixando o espaço vazio para a mulher assumir. Em consequência disso, as estatísticas apontam um aumento de famílias matriarcais,

monoparentais dentre outras. A perda de autoridade do homem tende a gerar um aumento do autoritarismo e da violência física.

2. Apontando um caminho – Comunicação clara, fronteiras nítidas e flexíveis, hierarquia correta, união e diferenciação são algumas condições para a construção de famílias saudáveis. A terapia familiar sistêmica visa mobilizar os recursos da família para enfrentar as crises e prevenir outros conflitos, à medida que produz mudanças significativas no sistema, contribuindo para aprimorar as relações entre os membros e no interior dos vários subsistemas. Assim, a abordagem familiar propicia uma melhora na qualidade de vida em família, fortalecendo os vínculos e ampliando as estratégias para a resolução dos conflitos.

Orientação para o uso dos estudos 7 e 8 – No final do estudo, o líder do grupo fará bem em recapitular a matéria abrangendo, também, a primeira parte, apresentada no domingo passado, estimulando os unionistas a participarem com perguntas e sugestões sobre atitudes que a igreja pode assumir visando a realizações objetivas que ajudem as famílias da igreja a se capacitarem adequadamente para um melhor desempenho como pais, mães e filhos. A igreja pode realizar estudos mais amplos para os casais sobre o assunto. (Textos bíblicos em Efésios 5.22 a 6.4).

Família e cidadania

Clemir Fernandes Silva

As famílias cristãs têm o dever de educar seus filhos para o exercício da cidadania fundada em preceitos ensinados na Palavra de Deus. Para que os pais possam educar seus filhos para o exercício da cidadania, eles próprios precisam, primeiro, ser bons cidadãos, como exemplos, não somente quando atuam em defesa de direitos mas, também, no reconhecimento dos deveres para com o próximo e com a sociedade como um todo.

1. Que é cidadania? – É uma situação social do indivíduo que envolve três tipos de direitos e deveres em relação à sociedade de que faz parte: 1) Direitos e deveres civis: incluem a livre expressão, o direito de informação, de reunião, organização e locomoção (ir e vir). A cada direito de uma pessoa corresponde um dever em relação às outras pessoas; 2) Direitos e deveres políticos: incluem o direito de votar e disputar cargos em eleições livres, e deveres de exercer funções com justiça e honestidade; 3) Direitos sociais e econômicos: incluem o direito ao bem-estar, à segurança, aos movimentos sindicais e ao emprego.

2. Como praticar os valores da cidadania? – Por que a cidadania em seus três aspectos não é acessível e igual para todos? As razões fundamentais desse problema são as injustiças sociais, pois conferem igualdade jurídica num contexto de profunda desigualdade econômica e social. Os cristãos podem exercer influências construtivas nas associações que trabalham por transformações sociais.

Quanto à cidadania política, os direitos e deveres estão assegurados na Constituição. Como cristãos temos o dever de votar e o direito de nos candidatar a cargos políticos. Quanto a votar, devemos fazê-lo conscientemente, sem aceitar coação e procurando conhecer o perfil moral e a capacitação dos candidatos para os cargos aos quais se candidatam. Precisamos, também, cobrar dos políticos, que são eleitos, que exerçam seus mandatos com moralidade e real esforço em promover o bem-estar da população. Em contrapartida, é dever de todos os cidadãos, particularmente cristãos, darem exemplo dessa moralidade em todos os seus procedimentos, e de respeito às leis e autoridades constituídas. Quanto aos direitos sociais e econômicos, são os mais desrespeitados. A realidade de nosso país é que dezenas de milhões de pessoas vivem na miséria. Não alcançam educação e com isto lhes faltam empregos e caem em exclusão social.

Conclusão – Ser cidadão é procurar construir a realidade em vez de somente consumi-la, como mero expectador. É tempo de atuação motivado pelos valores do reino de Deus, para construir um mundo mais justo e saudável para todos. Para que todos sejam, de fato, cidadãos.

Ser cidadão do mundo é viver a plenitude da vida social, humana, material e intelectual, em consonância com o caráter de Deus revelado em Jesus Cristo, conforme os preceitos das Escrituras.

Igreja: sua identidade e missão (I)

Clemir Fernandes Silva

Toda instituição tem uma identidade e se esforça por deixá-la bem clara perante a sociedade. Que imagem as pessoas fazem quando se fala em igreja hoje? Qual a verdadeira identidade da igreja? O que podemos fazer para resgatar a identidade da igreja, caso percebamos que ela enfrenta desgastes? Consideramos, neste estudo, quatro características que identificam a instituição igreja.

1. A igreja é uma instituição fundada em Jesus e por Jesus – É formada por seres humanos, porém, fundada por Jesus Cristo, sobre sua doutrina. Ele é o fundamento e a cabeça da igreja. Por essas razões, a igreja tem caminhado vitoriosa, apesar de todos os problemas enfrentados ao longo da história e de ter sofrido revezes. Sua vitória é garantida pela promessa de Jesus Cristo: “As portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16.18). A ação da igreja é agressiva. Ela investe sobre o inferno e sua vitória é certa, porque Jesus Cristo venceu todos os poderes da morte e do mal.

2. Corpo de Cristo, para proclamar a salvação – Esta é a segunda característica de identificação da igreja. Ela não é meramente uma comunidade; é o corpo de Cristo com a missão prioritária de evangelizar o mundo. Enquanto o mundo caído e corrupto encaminha as pessoas para a destruição

por meio das drogas, da violência, do crime, do alcoolismo, da prostituição, da sexualidade fora dos padrões divinos, da corrupção e idolatria, a igreja proclama a mensagem da redenção e salvação que Cristo oferece graciosamente a todas as pessoas que se arrependam de seus pecados e creiam em Jesus.

3. Corpo de Cristo para adoração – O louvor e toda a adoração são marcas distintivas da igreja de Cristo. O cristianismo é a única religião mundial que desenvolveu sistematicamente o louvor congregacional e coral por meio das igrejas. Segundo a trajetória do povo de Deus desde o Antigo Testamento (leia o livro de Salmos), a igreja aprofundou essa caminhada, sendo identificada, também, como uma comunidade adoradora. A igreja precisa ampliar a qualidade de sua adoração. Apesar da cultura de músicas de consumo de nossos dias e da superficialidade musical em geral, e até de mau gosto que domina nosso país e influencia o estilo de louvor da igreja, precisamos superar essa fase de mediocridade e aprimorar nossa atividade adoradora.

Conclusão – Anunciar a salvação, anunciar a esperança, é a missão que o próprio Senhor Jesus nos deu, conforme Mateus 28.18-20. Isto é tarefa de cada um de seus servos, individualmente, e da igreja como corpo de Cristo.

Igreja: sua identidade e missão (II)

Clemir Fernandes Silva

Vimos no estudo anterior que a identidade da igreja é constituída a partir de sua natureza divina e de seus propósitos de missão. Veremos agora que uma igreja é cada vez mais autenticamente apostólica e neotestamentária à medida que sua atuação estiver vinculada ao modelo de ministério de Jesus.

1. Corpo de Cristo para educar – A missão de Jesus consistiu, em grande parte, no ensino das verdades fundamentais do evangelho, conduzindo as pessoas a se reconciliarem com Deus e alcançarem a vida eterna. O ensino é, especificamente, mencionado em seu ministério em Mateus 9.35. Cristo vivia ensinando. No grande Sermão do Monte, o que Jesus fez foi ensinar: "...e ele se pôs a ensiná-los" (Mt 5.1,2). Após a sua ressurreição, no episódio da ascensão, ele deu a ordem suprema a seus discípulos, que é conhecida entre nós como a grande comissão: "Portanto, ide, fazei discípulos de todas as nações... ensinando-os a observar todas as coisas que eu vos tenho mandado" (Mt 28.19,20). Uma igreja que deseja ser identificada como realmente cristã deverá se dedicar ao ensino da Palavra de Deus. Foi o que fizeram os primeiros crentes, conforme Lucas nos informa em Atos 5.42: "E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar, e de anunciar a Jesus o Cristo".

2. Corpo de Cristo para celebrar as ordenanças – No decorrer de seu ministério, Jesus instituiu para as suas igrejas o batismo e a ceia.

O batismo marca a entrada da pessoa para a igreja. Entre os cristãos primitivos, era realizado imediatamente após a conversão de uma pessoa, como ocorreu com os 3 mil convertidos no dia de Pentecostes, depois com os 5 mil, no caso do eunuco etíope, por Filipe e no do carcereiro de Filipos. Ao obedecer a esta ordenança, a pessoa demonstra ter agora nova natureza e que passou da morte para a vida (Rm 6.23). As igrejas batistas, de modo geral, passaram a batizar os convertidos não imediatamente, mas depois de algum tempo de estudos doutrinários. A metodologia mudou, mas o conteúdo, propósito e significado permanecem inalterados. A igreja que batiza demonstra que é uma autêntica instituição de Cristo, porque, para fazê-lo, ela precisa se dedicar a ensinar e a levar pessoas à aceitação de Jesus Cristo.

A ceia é um memorial da morte de Jesus Cristo. Lembra-nos a graça de Deus em ter dado o Filho para nossa redenção. A ceia é uma proclamação de Jesus e de sua mensagem de redenção. É para ser ministrada coletivamente pela igreja como corpo de Cristo, conforme as orientações contidas em Coríntios 11.17-34.

A volta gloriosa de Jesus

Élben M. Lentz Cesar

Texto extraído da revista *Ultimato* pela Redação da revista *Compromisso*.

Em nenhuma passagem das Escrituras encontramos a expressão “segunda vinda”. Numa única passagem aparece uma expressão parecida: “segunda vez” (Hb 9.28). Tal coisa, porém, não enfraquece a esperança da chamada “segunda vinda”. Já que Jesus veio uma vez e prometeu vir outra vez, não há nada errado em chamar o segundo aparecimento de segunda vinda, ou também a expressão igualmente apropriada “a volta de Cristo”.

1. A promessa da volta esclarece profecias messiânicas do Antigo Testamento

– Na época, essas profecias eram totalmente obscuras. Movidos pelo Espírito, os profetas relacionavam a vinda do Messias ora com o sofrimento ora com a glória (1Pe 1.10-12). Isaías, por exemplo, diz que Jesus não teria beleza e majestade, nem sequer aparência, mas seria um homem de dores e experimentado no sofrimento, desprezado e rejeitado (Is 53). Em outra passagem, garante que Jesus seria uma grande luz, quebraria o jugo, a canga e a vara que oprimem o homem, seu nome seria Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno e Príncipe da Paz e seu domínio de paz sem fim seria estabelecido para sempre (Is 9.1-7).

Na primeira vinda já realizada, Jesus se esvaziou assumindo a forma humana e deu a sua vida pelo pecado. Na segunda vinda, não realizada ainda, Jesus virá em poder e muita glória (Mt 24.30).

2. A volta de Jesus no Novo Testamento –

Sua promessa é de absoluta clareza (Jo 14.3; Ap 22.20). No dia de sua ascensão, dois seres sobrenaturais glorificados apareceram aos apóstolos e lhes garantiram que “Este mesmo Jesus... há de vir assim como para ao céu o vistes subir” (At 1.11). Graças a essas promessas, Paulo podia afirmar com segurança: “Porque o Senhor mesmo descerá do céu com grande brado, à voz do arcanjo, ao som da trombeta de Deus, e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro” (1Ts 4.16). A segunda vinda de Cristo será visível; será como o relâmpago que sai do oriente e brilha até o ocidente (Mt 24.27). Jesus será visto em ambos os hemisférios (Mt 24.27, 30; Ap 1.7).

3. A volta será de surpresa –

A segunda vinda será uma surpresa. Ela está na agenda de Deus, mas ninguém, em tempo algum, tem acesso a essa data, malgrado as muitas tentativas que têm sido feitas. Foi o próprio Jesus quem avisou que “somente o Pai sabe” (Mt 24.26). O Senhor virá como o ladrão, quando menos se espera (Mt 24.44; At 1.7; Ap 16.15).

Em Apocalipse 22.17 temos a expressão do desejo do Espírito Santo e do povo de Deus: “Ora, vem, Senhor Jesus”. Esse desejo se cumprirá. Aguardemos com fidelidade e consagração esse dia. Enquanto esperamos, espalhemos por todo o mundo a Palavra de Deus para que muitos outros possam participar dessa glória.

Lições de Deus

Há algum tempo circulou nas redes de diálogo pela “internet”, um documento intitulado “lições de Deus”. Em geral, não damos muita atenção a tais documentos, pois desconhecendo sua procedência e autenticidade, preferimos não dar muita atenção ao conteúdo. No entanto, este que reproduzimos abaixo, com frases bastante interessantes em suas mensagens, trouxe-nos a ideia de uma dinâmica de grupo com discussões sobre as verdades contidas em cada uma das frases. Vale a pena. Todas elas contêm expressões que devem levar-nos a pensar.

- Deus não escolhe pessoas capacitadas, ele capacita os escolhidos.
- Um com Deus é maioria.
- Se quiser ficar desanimado, olhe para si; se quiser ficar decepcionado, olhe para os homens; mas se quiser ser salvo, olhe para Jesus.
- Você quer ajudar? Então se envolva com quem precisa de ajuda.
- Quer fazer a diferença? Seja diferente.
- Quer ser usado por Deus? Esteja disponível.
- Nunca ponha um ponto de interrogação onde Deus já colocou um ponto final.
- Devemos orar sempre, não até Deus nos ouvir, mas até que possamos ouvir Deus.
- Deus não fala com pessoas apressadas e sem tempo.
- Com Jesus, jamais uma desgraça será a última notícia.
- Moisés gastou 40 anos pensando que era alguém; 40 anos aprendendo que não era ninguém e 40 anos descobrindo o que Deus pode fazer com um ninguém.
- Só terei tudo de Deus, quando ele tiver tudo de mim.
- Sou apenas um detalhe, mas com Jesus, faço a diferença.
- A fé ri das impossibilidades.
- A fé não nasce com uma quantidade de fatos que uma pessoa ouve a respeito de Deus.
- Há pessoas que creem com um folheto apenas, enquanto outras irão para o inferno conhecendo a Bíblia inteira.
- Nada está fora do alcance da oração, exceto o que está fora da vontade de Deus.
- A mágoa olha para trás, a preocupação olha em volta, a fé olha para cima.
- O tempo é de longe mais valioso que o dinheiro, porque o tempo é insubstituível.
- Não temas a pressão, lembre-se que é ela que transforma o carvão em diamante.
- A Bíblia nos foi dada para nos dar conhecimento e mudar nossa vida.
- O mais importante não é encontrar a pessoa certa e, sim, ser a pessoa certa.
- Não confunda a vontade de Deus com a permissão de Deus.
- Nem tudo o que acontece é da vontade de Deus, mas nada acontece sem sua permissão.
- Não diga a Deus que você tem um grande problema. Mas diga ao problema que você tem um grande Deus.